



Revista Adventista

Revista Mensal · Ano 72 · Nº 772 · €1,80 Setembro 2011

A Graça Salvadora de Deus

O Coração
do Adventismo

Especial
Semana
de Oração
2011

"Eis que cedo venho"

A nossa missão é realçar Jesus Cristo usando artigos e ilustrações para demonstrar o Seu amor sem igual, dar as boas-novas do Seu trabalho presente, ajudar outros a conhecê-lo melhor e manter a esperança da Sua breve vinda.

Índice

INTRODUÇÃO - TED WILSON

03 Queridos Irmãos...

MENSAGEM DO PRESIDENTE

04 Graça Imerecida

MENSAGEM DO TESOUREIRO

04 Oferta "Semana de Oração"



PRIMEIRO SÁBADO

06 O Santuário, a Graça e o Éden

DOMINGO

10 Os Dois Jardins



SEGUNDA-FEIRA

12 A Sua Presença Salvadora

Não temos de ir a nenhum templo para encontrar Deus. Não temos de fazer nenhuma peregrinação até algum santuário distante. Deus já está aqui, exatamente aqui! Deus está connosco!

TERÇA-FEIRA

15 Eis o Cordeiro de Deus



QUARTA-FEIRA

17 O Mediador

O Mediador que temos no Céu é Alguém que compreende as nossas lutas!

QUINTA-FEIRA

20 Graça Viva

A Igreja deve ser uma manifestação cósmica do amor, da sabedoria e da graça de Deus. Que ideal grandioso!



SEXTA-FEIRA

22 Vem Aí o Dia do Juízo!

SEGUNDO SÁBADO

24 A Caminho do Lar

"O grande conflito terminou. Pecado e pecadores já não existem. O Universo inteiro está purificado."

LEITURAS PARA AS CRIANÇAS
PRIMEIRO SÁBADO

27 Uma Casa para Deus

DOMINGO

28 "Onde Está a Minha Mãe?"

SEGUNDA-FEIRA

29 As Leis do Amor de Deus

TERÇA-FEIRA

30 As Grandes Portas Duplas

QUARTA-FEIRA

31 Um Mediador

QUINTA-FEIRA

32 Limpar de Dentro para Fora

SEXTA-FEIRA

33 Limpeza de Dentro para Fora

SEGUNDO SÁBADO

34 Unidos de Novo

Introdução



Mensagem do Presidente

Queridos Irmãos na Igreja,

Nas leituras desta Semana de Oração vamos analisar juntos o âmago do Adventismo – a graça redentora de Deus. Todos os sermões abordam o Santuário celestial como um lugar onde a graça redentora era e é ministrada em nosso favor. A mensagem do Santuário não é uma exposição teológica, mas sim uma experiência pessoal que se vive à medida que se descobre e se compreende a graça de Deus.

Começamos essa experiência não no Monte Sinai, mas no nosso primeiro lar, no Éden, onde descobrimos que a mensagem do Santuário já estava presente. Depois da terrível entrada do pecado, que nos separou de Deus e da Sua presença, descobrimos no Santuário alguma da magnitude do amor de Deus, que deseja vir habitar entre nós.

No Santuário encontramos as boas-novas da expiação levada a efeito pelo Cordeiro de Deus. Podemos confiar no facto de que, na nossa mais profunda necessidade, há sempre auxílio disponível através do nosso Mediador no Santuário celestial. Esta mensagem deve ter um impacto positivo na nossa vida, ao vivermos na presença de um Deus bondoso e perdoador e à medida que, de forma constante, formos crescendo à semelhança do nosso Salvador.

Oro para que, ao avançarmos no estudo destas leituras, possamos viver uma vida positiva e não ter receio da presença de Deus; e que encontremos no Santuário celestial segurança para o julgamento, pois o tribunal de Deus é um trono de graça.

Possamos nós viver na expectativa da alegria que será termos a presença permanente de Deus connosco, quando o Éden for de novo restaurado na Terra. Que Deus oriente a vossa vida e a minha, ao Lhe suplicarmos pelo reavivamento e pela reforma que levarão à chuva serôdia do Espírito Santo e à breve volta de Cristo.

Com ternas saudações cristãs,

Dedicadamente,

• Ted N. C. Wilson
Presidente

SEMINÁRIO SOBRE Culto Familiar

pelos Pastores

Irene Paula e António Amorim

*Deus não é uma história que se conta,
é uma Realidade que se experimenta.*

Aprenda como obter do culto familiar a sua força espiritual, a riqueza dos seus afetos, a eficácia da sua comunicação e como fazer dele um instrumento privilegiado na transmissão de valores e de sentido da vida, para todos os membros da família.

IASD CENTRAL DE LISBOA
R. Joaquim Bonifácio, 17
1169-150

**Não
perca!**

24 de setembro de 2011

**de manhã, às 11h
de tarde, às 15h30**



Área Departamental da Família
UNIÃO PORTUGUESA DOS
ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Graça Imerecida

"Está salvo?" Esta é uma pergunta que as pessoas me fazem regularmente. A minha resposta é:

"Sim, devido à graça que Jesus Cristo me ofereceu." É necessário compreendermos este assunto para podermos permanecer humildes. Já fiz coisas boas na minha vida cristã, acreditando na Palavra de Deus, tal como vós. Mas, tenho que admitir, provavelmente, também fiz coisas muito más, tal como vós. Estas coisas são suficientemente fortes para me derrubarem. Aquilo que tenho de aceitar e de compreender é que não importa a quantidade de coisas boas ou más que coloco numa balança, pois não é isso que determina a minha salvação ou a minha perdição. Pessoalmente, coloco o sacrifício de Jesus Cristo como o fator prioritário, necessário para minha salvação. O segundo fator é a fé que tenho n'Aquele que demonstrou o Seu imenso amor para me salvar. O terceiro fator é a acumulação dos dois anteriores e o impacto que terão na minha vida diária. Ellen G. White escreve o seguinte: "Por tal motivo,

meus queridos amigos, enquanto esperam por esse dia, façam tudo para que Deus vos encontre sem faltas, sem pecados e em paz. Reparem na paciência de nosso Senhor. Ela é para nossa salvação, tal como disse o nosso caríssimo irmão Paulo ao escrever-nos, conforme a sabedoria que Deus lhe deu. 'Portanto, meus irmãos, já estão avisados. Tenham cuidado! Não se deixem cair da posição firme em que se encontram, levados pelos enganos dessas pessoas más. Pelo contrário, continuem a progredir no amor e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.' II Ped. 3 :9-15, 17 e 18." (*Atos dos Apóstolos*, ed. P. SerVir, pp. 381 e 382). É desta maneira que compreendo a graça salvadora de Deus. Ele respeita a minha liberdade e as minhas escolhas, mas diz-me que tem um plano melhor para mim. Porque é que me arriscaria e morreria, se posso viver toda a eternidade segundo a promessa de Deus? Este é o mistério da graça de Deus em Jesus Cristo. Eu não a mereço. Não posso pagá-la. É totalmente gratuita.

Lembro-me de um jovem, com 18 anos, e alguns hábitos tinham conduzido à sua captura pela polícia

e a uma sentença de 7 anos na prisão. Imediatamente, por conselho do advogado, foi enviada uma carta ao Presidente da França, para obter a graça presidencial. A resposta chegou seis semanas depois. E eu pude ler essa carta. Estava escrita em papel azul, com o selo e assinatura do Presidente, e dizia: "Grâce accordée (Graça concedida)." Duas palavras, uma assinatura e estava tudo dito. Imaginam o alívio do jovem. Ele não merecia esta graça, mas foi-lhe concedida.

A assinatura de Jesus, com o Seu próprio sangue, é mais preciosa do que qualquer assinatura e talvez deseje lembrar que Deus tanto amou o mundo que entregou o Seu Filho amado, para que pudéssemos ter a vida eterna (ver João 3:16).

Desejo-vos uma maravilhosa semana de oração, no nome e na graça de Jesus. ✨

• **Bruno Vertallier**
Presidente da Divisão
Euro-Áfricana



Oferta "Semana de Oração"

Já no antigo Israel, Deus pedia ao Seu povo que se reunisse várias vezes por ano para refletir em conjunto sobre as bênçãos divinas que tinha recebido.

Esta semana, temos, também, uma nova ocasião, como Igreja mundial, de partilhar o que temos experimentado da graça salvadora de Deus. Se tivermos consciência dela e a par-

tilharmos, o nosso relacionamento com Deus e a nossa confiança n'Ele serão fortalecidos, e o nosso coração ficará cheio de gratidão. Através da oração em conjunto, poderemos exprimir a nossa gratidão e, ao mesmo tempo, fortalecer a nossa confiança em que Deus nos conduzirá no futuro através dos tempos difíceis que nos esperam.

Para responder à graça divina que tinha recebido, o povo de Israel trazia ofertas ao Templo do Deus eterno. Nós também levaremos as

nossas ofertas à igreja, no final desta semana de oração, como expressão da nossa gratidão para com Ele.

As nossas ofertas da semana de oração serão utilizadas para o sustento financeiro da nossa missão mundial. Irão apoiar, em especial, projetos missionários na zona a que chamamos "janela 10/40". Nesta parte do mundo, que se estende da África do Norte à Ásia oriental, vivem cerca de dois terços da humanidade, muitas vezes em condições de profunda pobreza. Muitas dessas

peças ainda não ouviram falar de Jesus Cristo. Esses meios financeiros também serão consagrados a financiar projetos missionários especiais nas grandes cidades.

Em 2010, foram recolhidos cerca de 2,9 milhões de euros, a nível mundial, através da oferta da semana de oração. Cerca de 1,2 milhões eram provenientes da Divisão Euro-africana. Queremos agradecer aqui, calorosamente, a todos os nossos irmãos e irmãs pela sua abnegação constante, que nos dá a possibilidade de apoiar também projetos missionários nos lugares onde os meios locais não seriam suficientes.

Em 2011, recebemos, para a nossa Divisão, perto de 263 mil euros, que foram investidos principalmente em projetos missionários em favor dos países muçulmanos da nossa Divisão.

Eis alguns relatórios desse trabalho:

Eritreia

Há sete anos, Samuel Mulugeta teve de fugir de noite do seu país, a Eritreia, por causa da guerra, da fome e da opressão. Vários dias mais tarde, chegou ao campo de refugiados de Shimelba, no norte da Etiópia. Numa comunidade adventista fundada por um pioneiro da Missão Global, aprendeu a conhecer Jesus. O Samuel já tinha ouvido falar da Bíblia, mas nunca tinha imaginado que poderia ler uma pessoalmente. Com a ajuda do pioneiro da Missão Global, começou a estudar e tornou-se Adventista do Sétimo Dia. Quando esse pioneiro teve de deixar o campo, foi o Samuel que tomou o seu lugar. Agora tem a alegria de partilhar a Boa Nova com os residentes deste campo de refugiados. Conhece por

experiência pessoal as preocupações e as necessidades dos refugiados. Durante a semana, visita os refugiados no campo e, no Sábado, prega a Palavra de Deus na capela construída no campo. Dirige vários grupos de oração.

Ilhas Salomão

Nas Ilhas Salomão e noutras ilhas do Pacífico Sul que constituem um Estado, os habitantes de algumas ilhas e arquipélagos pertencem, em parte, a uma única Igreja.

Muitas vezes, é difícil ter acesso a aldeias particulares, dado que a cultura e a identidade dos seus habitantes estão estreitamente ligadas à religião a que pertencem. Como pioneiro da Missão Global, Wilson Kuki desejava ir a uma aldeia desse tipo. Pediu, portanto, juntamente com uma jovem Adventista, autorização para visitar uma aldeia e para aí iniciar projetos sociais. Os anciãos da aldeia aceitaram, por fim, que os jovens reparassem o teto da capela local, mas sem lhes dar autorização para ter reuniões públicas. Eles aceitaram. Os aldeãos puseram uma casa à sua disposição, para que tivessem um teto durante o seu período de trabalho. Com o tempo, os jovens adventistas criaram amizade com os aldeãos. Todas as manhãs e tardes, tinham uma reunião para cantar e orar. Os aldeãos também participavam, e os laços de amizade consolidaram-se. Tinham pensado passar o Sábado numa pequena igreja Adventista próxima, mas o ancião da aldeia propôs que se reunissem na capela que estavam a reparar. Aceitaram com gratidão e ficaram espantados ao constatar que aquele ancião tinha convidado todos os aldeãos a partici-

par do nosso culto. A maioria esteve presente. Foram contadas histórias bíblicas e cantados hinos de louvor.

Mais tarde, os jovens adventistas tiveram reuniões de evangelização numa aldeia vizinha, e convidaram os aldeãos. Alguns vieram e pediram para receber estudos bíblicos. O que os tinha especialmente impressionado tinha sido o facto de cristãos de outra denominação terem vindo reparar o teto da sua capela e terem feito o seu culto com eles.

Na Divisão Euro-africana

Num dos países em que trabalhamos, a nossa Igreja foi falsamente acusada de ter a intenção de queimar um exemplar do Corão. Três polícias apresentaram-se na igreja para fazer um inquérito e obter resposta a numerosas perguntas, que constituíam já quase acusações. Mas, durante esse interrogatório, um dos polícias recebeu uma chamada telefónica inesperada, informando-o de que ia ser transferido para uma aldeia distante. Antes de sair da sala, profundamente emocionado, um dos diáconos disse-lhe que iriam orar por ele e que o visitariam quando passassem perto da aldeia.

A nossa obra nesses países tem necessidade do nosso apoio urgente. As vossas ofertas ajudarão a levar a mensagem da graça salvadora aos lugares onde, de outro modo, isso não seria possível.

Agradecemos-vos calorosamente. ✨

• Norbert Zens
Tesoureiro da Divisão
Euro-Africana



O Santuário, a Graça e o Éden

NADA IMPEDIRÁ OS DESÍGNIOS DE DEUS PARA O SEU POVO

Quando ouvimos a palavra “santuário”, que imagem nos vem à mente? Vemos a tenda do tabernáculo erguida por Moisés, o belo Templo edificado por Salomão, ou talvez o edifício da igreja em que, semanalmente, assistimos aos serviços religiosos, na companhia de irmãos crentes? O livro de Gênesis apresenta-nos um santuário único, o mais belo que alguma vez existiu no Planeta Terra – o Jardim do Éden.

Já alguma vez nos interrogámos sobre qual é o propósito de um santuário? Eis algumas sugestões: Um santuário é (1) um lugar onde os seres humanos se comunicam com Deus, (2) um lugar onde é ministrada instrução religiosa e (3) um lugar onde se vive a experiência da graça de Deus. Um santuário também é (4) um lugar de refúgio. O Éden era tudo isto.

O Jardim do Éden

Quando a Terra veio à existência, sob a mão criadora de Deus, era bela aos olhos. Era o modelo da perfeição. Gênesis diz-nos: “Viu Deus tudo quanto tinha feito, e eis que era muito bom” (1:31). O mundo perfeito era também uma expressão de amor. O amor estava escrito em cada árvore e arbusto, em cada folha e flor. As diversas formas de vida eram um quadro de beleza – os animais, as aves, os peixes e outras formas de vida nas

águas. O homem, a coroa da Criação, foi feito perfeito e apumado. Tinha a imagem do seu Criador. Possuía caráter nobre, sem tendência para o pecado e em harmonia com a vontade de Deus.

Depois de concluído o ato criativo, Deus contemplou o que tinha feito e ficou satisfeito. Tudo era perfeito como só um Deus perfeito o podia fazer. Ellen White descreve esse momento: “Deus olhou com satisfação para a obra das Suas mãos. Tudo era perfei-

to, digno do seu Autor divino; e Ele descansou, não como alguém que estivesse cansado, mas feliz com o resultado da Sua sabedoria e bondade, e com as manifestações da Sua glória.” (*Patriarcas e Profetas*, ed. P. SerVir, p. 24)

Por entre as belezas da nova criação, Deus deu a Adão e Eva mais uma expressão do Seu amor. Deu-lhes um lar – o Jardim do Éden. Era ali que Deus comungava com os nossos pais, que os anjos davam instruções, e que eles começaram a compreender a graça de Deus. A verdade da Criação e a compreensão correta da graça de Deus e da redenção oferecidas por Deus são inseparáveis. Como disse, há mais de século e meio, o famoso historiador da Igreja Philip Schaff: “Sem uma doutrina correta da criação não pode haver nenhuma verdadeira doutrina da redenção.”¹ Como se percebe claramente no relato de Gênesis, o Éden não era só o lar de Adão e Eva, era também o seu santuário.

O Éden, um Lugar de Comunhão com Deus

Adão e Eva, na sua inocência, tiveram o privilégio de ver

Deus e de falar com Ele face a face. Deus visitava-os frequentemente no santuário do Éden. Nessas ocasiões, eles não compreendiam que grande bênção era aquela que tinham. Só depois da sua expulsão do Éden é que compreenderam o que tinham perdido. Então, recordando vividamente a comunhão aberta que tinham mantido com Deus, apresentavam-se para adorar junto à entrada do Éden, sem possibilidade de ultrapassarem a “espada inflamada” e de entrarem no seu antigo santuário e viverem de novo a experiência que é a emoção de ver a face de Deus. A experiência que em tempos haviam desfrutado no santuário do Éden era-lhes agora negada, bem como aos seus descendentes – e só voltará a ser restaurada na Terra feita de novo.

O Éden, um Lugar de Instrução Religiosa

De acordo com Ellen White, “Deus cuidava do santo par, não apenas como um pai que cuida dos seus filhos, mas considerava-os, também, como estudantes a receberem instrução do seu Criador, todo-sabedoria.” (*Patriarcas e Profetas*, ed. P. Ser-Vir, p. 27).

O Criador do Sol, da Lua e das estrelas revelava-lhes as leis e as operações da Natureza. Havia, porém, outras coisas que eles precisavam de saber, as quais se relacionavam diretamente com a sua existência. Anjos eram enviados da parte de Deus para explicar a Adão e Eva o grande conflito. Foi-lhes falado de Lúcifer, da sua rebelião contra Deus, contra a Sua lei e o Seu governo. Ficaram a saber da sua expulsão do Céu e que ele estava agora

infiltrado no santuário de Deus no Éden. Como Adão era o representante de Deus e o vice-regente do Planeta Terra, Lúcifer apostara toda a sua sabedoria e capacidade em enganar Adão, levá-lo ao pecado e usurpar a posição que o homem detinha. Raciocinava Lúcifer que, dessa forma, a Terra lhe viria a pertencer e que ele estabeleceria aqui um governo para rivalizar com o governo de Deus e com a Sua lei.



Foi dada a Adão e Eva uma visão geral do grande conflito, como parte da instrução que recebiam no santuário do Éden.

Adão e Eva devem ter estremeado quando tomaram consciência da instrução que os anjos lhes ministravam. O que não sabiam totalmente, porém, naquela altura, era que a atitude de Deus no sentido da resolução do grande conflito deveria ser uma outra demonstração do Seu imutável amor (*op. cit.*, p. 11). Depois da queda de Adão, o resultado do grande conflito foi decidido no terreno que Lúcifer pretendia como seu, quando Adão entre-

gou ao grande usurpador a posição que tinha.

Foi dada a Adão e Eva uma visão geral do grande conflito, como parte da instrução que recebiam no santuário do Éden. “Assim, foram revelados a Adão factos importantes na História da humanidade, desde o tempo em que a sentença divina tinha sido pronunciada no Éden, até ao dilúvio e, a seguir, até ao primeiro advento do Filho de Deus” (*op. cit.*, p. 45).

Era da mais vital importância que Adão e Eva compreendessem a causa original do grande conflito – a recusa da parte de Lúcifer em obedecer à lei de Deus. Rebelando-se contra a lei de Deus, Lúcifer estava a rebelar-se contra o governo de Deus. Os anjos explicaram cuidadosamente “a história da queda de Satanás, e disseram-lhes que ele tinha planos para os destruir, ao mesmo tempo que explicavam, de forma clara, a natureza do governo divino, que o príncipe do mal estava a procurar derrubar” (*op. cit.*, p. 29).

Além disso, era imperativo que o santo par compreendesse a natureza da lei de Deus – é uma outra expressão do amor de Deus. Era também importante que compreendessem que, como os demais habitantes do Universo, eles estavam a ser postos à prova. A sua felicidade baseava-se na condição de obediência à lei de Deus. “Podiam obedecer e viver, ou desobedecer e morrer” (*op. cit.*, p. 30). Deviam compreender também que a obediência à lei de Deus por parte das Suas criaturas é uma afirmação de amor e gratidão por tudo o que Ele lhes tem dado. “A obediência, perfeita e perpétua,



era a condição para a felicidade eterna” (*op. cit.*, p. 26). Isto era o que Adão e Eva precisavam de saber, e todos os pormenores importantes foram-lhes dados no santuário do Éden.

Éden, um Lugar de Refúgio e de Descoberta da Graça de Deus

O santuário do Éden era um lugar de refúgio para Adão e Eva. Lúcifer estava determinado em destruí-los, mas não tinha acesso a eles, exceto junto da árvore do conhecimento do Bem e do Mal. Enquanto, como habitantes do Éden, permanecessem longe daquela árvore, estavam em segurança. Lúcifer não podia segui-los para as várias partes do jardim e tentá-los a afastarem-se do Criador. O Éden era um refúgio contra os seus planos iníquos.

A instrução de Deus a respeito da árvore proibida era perfeitamente clara: “De toda a árvore

Quando Adão e Eva foram criados, ocupavam uma posição pouco abaixo da dos anjos. No entanto, o plano de Deus para a restauração da raça humana inclui uma admirável experiência para aqueles que Lhe permanecem leais.

do jardim comerás livremente. Mas da árvore da ciência do Bem e do Mal, dela não comerás; porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás” (Gén. 2:16 e 17). Como sabemos, porém, Eva afastou-se do refúgio

e tornou-se vítima dos enganos de Lúcifer. Adão, posto perante a realidade de perder a sua amada esposa, seguiu-a na desobediência às instruções de Deus e, em resultado disso, a família humana foi colocada sob a servidão do pecado.

Contudo, Deus não abandonou a família humana. Pela primeira vez, o santuário do Éden tornou-se no lugar de um sermão sobre a graça redentora: “Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente: esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gén. 3:15). Nesta reconfortante declaração, foram prefiguradas as cerimónias típicas da tenda do tabernáculo de Moisés e as do Templo de Salomão. A ferida no calcanhar prefigurava os sacrifícios animais que apontavam para o futuro sacrifício de

Jesus na cruz. A ferida na cabeça apontava para o destino do bode expiatório no Dia da Expição, o qual garantia a destruição final de Lúcifer e o fim do pecado.

No santuário do Éden, Deus começou a revelar o Seu plano para a salvação da família humana e para o fim do pecado. Lúcifer tinha retratado Deus como estando interessado apenas na Sua própria glória e gratificação. A interrogação respondida naquele fatídico dia no Éden foi: Tinham o Pai e o Filho amor suficiente pela humanidade, de modo a exercerem renúncia de Si próprios e espírito de sacrifício, para a resgatar das garras de Lúcifer (*op. cit.*, p. 47)? Em Gênesis 3:15 temos a resposta a esta provocante pergunta, num retumbante **sim!** E o **sim** foi confirmado e tornou-se realidade quando

Jesus clamou na cruz: “Está consumado.”

Quando Adão e Eva foram criados, ocupavam uma posição pouco abaixo da dos anjos. No entanto, o plano de Deus para a restauração da raça humana inclui uma admirável experiência para aqueles que Lhe permanecem leais: “Aqueles que, na força de Cristo, vencem o grande inimigo de Deus e do homem, ocuparão uma posição nas cortes celestiais acima da dos anjos que nunca caíram” (Ellen G. White, *General Conference Bulletin* [Boletim da Conferência Geral], 1 de abril de 1899). Lúcifer projetou a destruição da raça humana num rasgo de fúria invejosa. Adão e Eva viviam num estado de felicidade, na partilha do amor de Deus por eles. Lúcifer sentia-se miserável, enfrentando a perspectiva da extinção eterna. Logo que Adão caiu no pecado, perdeu a possibilidade de comunicação com Deus e foi expulso do santuário do Éden. Lúcifer decidiu que, no futuro, manteria os descendentes de Adão fora de qualquer santuário que lhes pudesse oferecer a perspectiva de restauração.

Conclusão

A experiência de Adão e Eva no seu santuário no Éden tem muito para nos ensinar. Primeiro, assim como Deus, no Seu amor pelos nossos primeiros pais, fez tudo o que podia para tornar feliz a sua vida, também Ele lida connosco agora no contexto do Seu amor. A evidência deste amor está na dádiva do Seu Filho à família humana. Deus não deu o Seu Filho “somente para levar os nossos pecados e

morrer em sacrifício por nós; deu-O à raça caída. ... Deus deu o Seu Filho unigénito a fim de que Se tornasse membro da família humana, retendo para sempre a Sua natureza humana” (*O Desejado de Todas as Nações*, ed. P. Ser-Vir, p. 16).

Segundo, assim como Deus pronunciou juízo redentor antes de afastar Adão e Eva do Éden, também está agora a julgar a família humana no contexto da graça redentora provida pelo Seu Filho. Considerando o sacrifício que Deus fez por nós e a perspectiva do julgamento, é importante que concluamos a experiência que os santuários do Antigo Testamento nos ensinam. Devemos humilhar-nos na presença do nosso Criador e Redentor e buscar um relacionamento vivo com Ele, mediante um verdadeiro reavivamento e reforma, dependendo inteiramente de Cristo para a nossa salvação e todas as demais necessidades. Pela graça de Cristo e pela presença do Espírito Santo, teremos o maravilhoso privilégio de ver e entrar no jardim a que Adão e Eva uma vez chamaram o seu lar. Que privilégio é proclamar as mensagens dos três anjos por meio do poder de Deus, de modo a que possamos ver o cumprimento final do plano de Deus de levar de volta os Seus filhos para o lar que lhes pertence por direito no novo Éden. ✨

Referências

1. *History of the Christian Church* (História da Igreja Cristã), Charles Scribner's Sons, Nova Iorque, 1903, vol. 2, p. 540.



· **Ted N. C. Wilson**
é presidente da Igreja
Mundial dos Adventistas
do Sétimo Dia

QUESTÕES PARA

Reflexão e Partilha

1. A criação efetuada por Deus saiu perfeita das Suas mãos em todos os aspetos. De que é que Adão e Eva mais sentiram a falta quando foram forçados a abandonar o jardim?
2. Acha que Deus alguma vez ponderou a ideia de Se afastar da Sua criação desfigurada? Sim, ou não? Porquê?
3. De que modo o Jardim do Éden é um modelo para aquilo que Deus planeou para o Seu povo? O que é que mais anseia nesse futuro?



Os Dois Jardins

NELES O PECADO E A SALVAÇÃO ENCONTRAM-SE

A nossa salvação vem de um Deus que nos ama tanto que não se poupa a esforços para nos reconquistar para Si. O relato da Sua atividade redentora no conflito entre o Bem e o Mal é a história mais grandiosa que alguma vez foi contada; é, na verdade, o espetáculo dos séculos.

Nesta história, há dois jardins que formam o palco dos principais desenvolvimentos. Do primeiro jardim, vêm o pecado, a perda, a vergonha e a morte. Do segundo, brotam a esperança, a alegria e a vida.

Deus plantou o primeiro jardim. Era belo, era perfeito, era o Éden. Neste ambiente incontaminado, Deus colocou os primeiros seres humanos, feitos também pelas Sua próprias mãos (Gén. 2:8 e 9), e comungava com eles. O Éden era o Paraíso, o Paraíso da inocência. Adão e Eva eram puros, mas eram como crianças. Ainda não tinham desenvolvido o caráter, pois ainda não tinham feito escolhas. E as escolhas iriam, em breve, ser postas diante deles.

A Entrada do Pecado

Por detrás da tranquilidade do jardim espreitava uma figura sinistra. O Mal, uma coisa totalmente desconhecida de Adão e Eva, não estava muito longe – ele nunca está! Um anjo caído, em tempos conhecido como Lúcifer, a estrela da alva, mas agora conhecido por Satanás, o enganador, aguardava a sua oportunidade.

Não sabemos quanto tempo os nossos primeiros pais viveram no jardim. Um dia, porém, caiu uma sombra sobre o Paraíso. Satanás, recorrendo a uma atraente serpente como médium, baloiçou diante deles a sedução de uma nova experiência, que iria torná-los semelhantes ao próprio Deus.

Deus instituiu um simples teste de obediência: “De toda a árvore do jardim comerás livremente, mas da árvore da ciência do Bem e do Mal, dela não comerás; porque, no dia em

que dela comeres, certamente morrerás” (Gén. 2:16 e 17). No entanto, a serpente disse: “Certamente, não morrerás. Porque Deus sabe que, no dia em que dele comeres, se abrirão os vossos olhos, e sereis como Deus, sabendo o Bem e o Mal” (Gén. 3:4 e 5).

Passaram-se muitos anos, mas o tentador continua hoje a vir ter com as pessoas da mesma maneira. Ele embeleza a desobediência, tornando-a atrativa. Pinta como enfadonho o apego aos mandamentos de Deus. Promete emoções, novas experiências. Esconde a vereda da ruína, para onde nos convida a entrar – um caminho juncado de ébrios na valeta e de corpos a decomporem-se à distância.

O diabo procura sempre incutir a dúvida. Atribui a Deus o seu próprio caráter e finge assumir o verdadeiro caráter de Deus. Deus apenas quer o que é melhor para nós; Ele não nos

priva de nada que resulte em saúde e felicidade. Satanás, por outro lado, oferece um pacote envenenado, o qual parece atrativo, mas que no fim degrada e nos corrompe.

Satanás é “mentiroso e pai da mentira” (João 8:44). “Certamente, não morreréis”, assim convenceu ele Adão e Eva. Contudo, era uma grande mentira. Eles morreram de facto e, desde então, os seus descendentes têm estado a morrer.

“Sereis como Deus”, prometeu ele, mas tratava-se de uma promessa que ele não podia cumprir. Ele tentara ser como Deus nas cortes celestiais (Isa. 14:13; Eze. 28:2-5), mas a sua autoilusão levou-o a ser expulso do Céu.

Só Deus pode ser Deus. Ele é o Criador de todos, quer anjos quer humanos. A criatura nunca pode tornar-se no Criador. Deus fez os homens e as mulheres à Sua imagem para viverem n’Ele e prestarem-Lhe amorosa obediência. Só em Deus encontramos o nosso verdadeiro eu. “Tu nos fizeste para Ti mesmo, Ó Senhor, e o nosso coração está inquieto até que encontre descanso em Ti”, como bem disse Santo Agostinho.

O pecado é irracional; é a suprema loucura. Agarra-se ao impossível – ser como Deus. Ignora o facto de a nossa existência ter sido feita por Deus e de ser dependente d’Ele em cada respiração.

Não obstante, quantos homens e mulheres hoje em dia estão a seguir os passos dos nossos primeiros pais! A grande maioria das pessoas sucumbe à sedução do tentador, “sereis como Deus”, afastando Deus do seu pensar,

negando a Sua existência ou rejeitando-O declaradamente.

As Consequências da Queda

As consequências da queda começaram a manifestar-se quase imediatamente. Depois da agitação inicial do prazer, os nossos primeiros pais começaram a sentir vergonha (Gén. 3:7). Ao perceberem que Deus estava a aproximar-Se no jardim, foram dominados por sentimentos de culpa e tentaram esconder-se (v. 8). Mas não lhes era possível esconderem-se de Deus, tal como nós hoje também não podemos esconder-nos d'Ele. Começaram a culpar-se um ao outro pela sua desobediência: “A mulher que me deste por companheira, ela me deu da árvore, e comi”, lamuriou-se Adão (v. 12).

Já conhecem este quadro? Culpar alguém, culpar até o próprio Deus, mas não admitir as faltas pessoais. Do mesmo modo procedeu Eva: “A serpente enganou-me, e eu comi”, procurou ela defender-se (v. 13).

Estas tentativas de lançar as culpas para qualquer outro lado e de justificar os respetivos atos foram tão débeis como as folhas de figueira que juntaram para cobrir a sua nudez. E ainda hoje abundam as desculpas e a autojustificação ao estilo de folha de figueira.

Foi então que o Senhor lhes delineou o futuro que estava diante deles. Seriam banidos do Paraíso para uma vida de árduo trabalho. Daí em diante, a Natureza iria dar-lhes cardos e espinhos. Eva daria à luz filhos com dor e, por fim, depois de uma vida de luta para conseguirem o pão de cada dia com o suor do seu rosto, voltariam ao pó de onde Deus os tinha formado (vs. 16-20).

O poeta John Milton, no final da sua obra épica *O Paraíso Perdido*, descreve comovidamente os momentos finais que eles passaram no Éden:

“Tinham o mundo todo diante deles, para escolherem o seu lugar de descanso, e a Providência os guiaria: Eles, de mãos dadas, com passos inconstantes e arrastados, através do Éden seguiram o seu solitário caminho.”

Deus em seu Socorro

Deus, no entanto, não abandonou Adão e Eva sem uma esperança. Embora expulsos do jardim, não ficaram isolados da Sua presença. Para onde quer que a sua nova vida os levasse, Deus lá estaria.

Além disso, Deus deixou-lhes uma promessa para o futuro. Enquanto estavam ainda no jardim, Ele declarou à serpente: “Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua semente e a sua semente: esta te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (v. 15).

Esta “inimizade” não é uma reação humana natural. É uma coisa que Deus colocou em nós; é a graça em ação.

Ellen White escreveu: “É a graça que Cristo implanta na alma, que cria no homem a inimizade contra Satanás. Sem esta graça que converte, e este poder renovador, o homem continuaria cativo de Satanás, como servo sempre pronto a executar as suas ordens. Mas este novo princípio cria conflito na alma onde até então tinha havido paz. O poder que Cristo comunica dá ao homem a possibilidade de resistir ao tirano e usurpador. Quem quer que aborreça o pecado em vez de o amar, que resista a essas paixões que o têm dominado interiormente e as vença, demonstra a ação de um princípio inteiramente celestial” (*O Grande Conflito*, ed. P. SerVir, p. 422).

A obra da graça culminou na Semente da mulher – Jesus Cristo. Ao concluir a Sua vida sem pecado e o Seu ministério de amor, Ele foi orar a um jardim – o Jardim do Getsémani.

Este jardim foi plantado pelo homem, não por Deus. Era o lugar de retiro favorito do Mestre. Ao findar a noite da última quinta-feira da Sua vida terrena, com a cruz olhando-O de perto, Jesus foi lá para contender com o Pai.

Com o peso dos pecados do mundo a oprimi-l'O fortemente, Jesus implorou: “Meu Pai, se é possível, passe de Mim este cálice; todavia, não seja como Eu quero, mas como Tu queres” (Mat. 26:39). “E, posto em agonia, orava mais intensamente. E o Seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue,

que corriam até ao chão” (Luc. 22:44).

Nesse jardim, o destino da raça humana esteve pendente na balança. Jesus ansiava pelo apoio dos Seus amigos mais íntimos, mas todos eles adormeceram. Ele bebeu sozinho o cálice da aflição. Um outro ser estava presente, o mesmo enganador que estivera no Éden. Agora tentava Jesus a abandonar a Sua missão de salvar o mundo: *Esta gente não é digna. Ninguém se interessa. Olha para eles – todos a dormir!*

Ao contrário dos nossos primeiros pais, Jesus recusou ouvir a voz malévola, recusou acariciar qualquer dúvida. Aceitou da mão do Seu Pai o amargo cálice e prosseguiu para o Calvário.

Os dois jardins chamam-nos a contemplar em espírito de oração o preço da nossa salvação. Vemos aí quanto se perdeu, mas também vemos como é grande a graça do maravilhoso Senhor que temos. Ellen White anima-nos a estudarmos cuidadosamente e compararmos “o Jardim do Éden com a sua infame nódoa de desobediência ... com o Jardim do Getsémani, onde o Redentor do mundo sofreu uma agonia super humana, quando os pecados de todo o mundo caíram sobre Ele” (Manuscrito 1, 1892).

Aleluia! Que Salvador! ✠

QUESTÕES PARA

Reflexão e Partilha

1. Qual foi a primeira mentira de Satanás dirigida aos nossos primeiros pais, e como se repete ela agora na comunidade onde vive pessoalmente?
2. Qual das consequências do pecado – o mal, a doença, a pobreza, a corrupção, etc. – mais incómodo lhe causa? O que é que lhe dá a si apoio nessa luta?
3. Jesus, antes de morrer pelos nossos pecados, viveu para abençoar os outros. De que modo está a Sua Igreja na comunidade onde vive a abençoar outros?



A Sua Presença Salvadora

JESUS NÃO SE LIMITOU A DIZER-NOS COMO VIVER; ELE DEU O EXEMPLO

Uma das mais admiráveis verdades que encontramos na Bíblia é a de que Deus não só está *disposto* a morar com o Seu povo, mas que Ele *quer* estar entre nós. Embora sendo o Criador do Céu e da Terra, Ele deseja ter comunhão com os seres criados pela Sua mão.

“Porque, assim diz o alto e o sublime, que habita na eternidade, e cujo nome é santo: Num alto e santo lugar habito, e também com o contrito e abatido de espírito, para vivificar o espírito dos abatidos e para vivificar o coração dos contritos” (Isa. 57:15).

Hoje grassa por aí um ateísmo militante. Houve tempos em que os descrentes se davam por satisfeitos com o viver sossegadamente nas suas dúvidas; atualmente, proclamam agressivamente que não há Deus e acumulam o desdém sobre os Cristãos e contra todos os seguidores da religião. Entre as principais vozes defensoras do ateísmo estão as de Richard Dawkins, Christopher Hitchens, Sam Harris e Daniel Dennett. É interessante que Anthony Flew, que marcou a agenda do ateísmo durante 50 anos, no final da vida passou por uma conversão filosófica. O seu livro *There Is a God: How the World's Most Notorious*

Atheist Changed His Mind (Há um Deus: Como o Mais Notável Ateu do Mundo Mudou de Opinião), publicado em 2007, deixou escandalizados os seus antigos colegas.

No entanto, para quem conhece Jesus como seu Salvador e Senhor, argumentos como os de Flew, ainda que úteis em certos contextos, são desnecessários. Nós sabemos que há um Deus porque O conhecemos como nosso amigo.

“Meu Deus e eu andamos pelos prados,
Quais bons amigos, juntos a passear;
Dadas as mãos, alegres conversamos,
Sem nada, nada a nos atrapalhar.

“Meu Deus e eu, eternamente juntos,
Quais bons amigos, vamos sempre andar;
Inda que o Céu e a própria Terra passem,
Nada de Deus me pode separar.”

(J. B. Sergei, “Meu Deus e Eu”, Hino 417 do *Hinário Adventista do Sétimo Dia*.)

Toda a Bíblia, do Génesis ao Apocalipse, dá testemunho do facto de que Deus Se deleita em mostrar amizade para com a humanidade. Ele andou e conversou no jardim com Adão e Eva. Andou e conversou com Abraão e com os patriarcas. E quando conduziu as 12 tribos para fora do Egito, até ao sopé do Monte Sinai, deu instruções a Moisés: “E Me farão um santuário, e habitarei no meio deles” (Êxo. 25:8).

Os Israelitas viram e ouviram os trovões, os relâmpagos e o som das trombetas vindo da montanha sagrada. Sabiam que Jeová era real – Ele estava lá no Sinai – e ficaram aterrorizados. Agora Deus ansiava chegar mais perto deles, de modo a poder convidá-los a vir à Sua presença. Ele habitaria numa tenda.

Deus deu a Moisés uma plan-

ta do santuário, e os Israelitas construíram-no seguindo todos os pormenores. Estava belissimamente adornado, com ouro, prata, pedras preciosas e tecidos coloridos. Como tinha de ser portátil, não era muito grande. O Lugar Santíssimo era um cubo de quatro metros e meio de lado; o lugar santo tinha o dobro deste tamanho, nove metros por quatro metros e meio.

Pensemos só nisto: a Majestade do Céu, o Criador do Universo, a condescender em habitar numa tenda!

Um Símbolo da Presença de Deus

Para os Israelitas, o santuário era o centro de toda a sua vida comunitária. Ali se centrava a sua identidade como povo especial escolhido por Deus.

O santuário era o lugar de *refúgio*. Aí, a glória do *Shekinah* – a própria presença do Senhor – manifestava-se entre os querubins no Lugar Santíssimo. Com o santuário no meio do seu acam-

pamento e a pôr-se em marcha em primeiro lugar nas suas deslocações, podiam estar seguros, guardados de quaisquer inimigos que pudessem ter de enfrentar.

Séculos mais tarde, já instalados na Terra Prometida, continuavam a olhar para o santuário em busca de refúgio, tal como orava o salmista: “Envie-te socorro desde o Seu santuário, e te sustenha desde Sião” (Sal. 20:2).

O santuário era um lugar de *instrução*. De tempos a tempos, Moisés dirigia-se à tenda para falar com Deus. Aí, Deus dava-lhe conselhos sobre a liderança do povo. Depois, Moisés regressava ao acampamento e o seu rosto brilhava e o povo nem conseguia olhar para ele, pelo que, quando Moisés acabava “de falar com eles, tinha posto um véu sobre o seu rosto” (Êxo. 34:33).

O santuário era um lugar de *orientação divina*. Durante todo o tempo que os filhos de Israel andaram no deserto, houve uma nuvem que repousava sobre o santuário, de dia, e uma coluna

de fogo que brilhava de noite. Quando a nuvem ou a coluna de fogo se erguiam, o povo desfazia o acampamento e seguia-a. Quando parava, o povo montava o acampamento. “E o Senhor ia adiante deles, de dia, numa coluna de nuvem, para os guiar pelo caminho, e de noite, numa coluna de fogo, para os alumiar, para que caminhassem de dia e de noite” (Êxo. 13:21).

O santuário era um lugar de *adoração*. O ano religioso dos Israelitas girava à volta de uma série de festas – como a Páscoa, Trombetas, o Dia da Expição, Tabernáculos e outras – desempenhando o santuário uma função chave em cada uma delas.

Por fim, o santuário era um lugar de *perdão*. Era aqui que o pecador trazia o seu sacrifício – um cordeiro, uma cabra, uma ave – para ser apresentado pelo sacerdote como expiação. O perdão obtinha-se por meio do santuário.

Não admira que os Israelitas considerassem o santuário tão precioso. Quando, posterior-



mente, o Templo que substituiu a tenda do deserto foi profanado pelos exércitos invasores, para o povo foi a perda suprema, a pior calamidade que se poderia imaginar. (Veja-se o Salmo 74:1-7.)

Hoje não temos um santuário terrestre, ao qual possamos recorrer em busca da presença de Deus. Não estamos, porém, em desvantagem: temos um Santuário celestial, onde entramos pela fé (Heb. 10:19-22). E temos Jesus. O Deus que tanto desejava habitar com as 12 tribos, a ponto de dar instruções para que construíssem um santuário, foi mais longe – muito, muito mais longe! Assumiu a forma de um ser humano. Fez-Se carne e sangue, um conosco.

“Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu”, assim profetizava Isaías. “E o principado está sobre os Seus ombros; e o Seu nome será: Maravilhoso Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz” (Isa. 9:6).

D’Ele escreveu João, o discípulo amado: “E o Verbo Se fez carne, e habitou [literalmente, “montou a Sua tenda”] entre nós, (e vimos a Sua glória...) cheio de graça e de verdade” (João 1:14). Este Homem, despojado de todos os atrativos que as pessoas usam para chamar a atenção para si mesmas – riqueza, fama, poder, educação, influência – era Deus incarnado. Ele era Emanuel, “Deus conosco” (Mat. 1:23).

Jesus é o nosso grande Sumo-sacerdote, ministrando em nosso favor nas cortes acima. Esse Santuário celestial, não feito por mãos humanas e mais glorioso do que podemos imaginar, é o verdadeiro Santuário, do qual a tenda no deserto, construída

segundo o modelo daquele, não era mais do que uma pálida demonstração – “sombra das coisas celestiais” (Heb. 8:5).

Mais tarde nesta semana, estudaremos com mais pormenor acerca deste Santuário e da obra de Jesus aí efetuada. Assim como os filhos de Israel encontraram na tenda do deserto a sua identidade como povo de Deus, também nós podemos olhar para o nosso grande Sumo-sacerdote em busca de refúgio, instrução, orientação, culto e perdão.

E há mais! Jesus habitou entre nós por um curto espaço de tempo, cerca de 33 anos. Antes, porém, de partir, prometeu enviar o bendito Consolador, o Espírito Santo: “Não vos deixarei órfãos; voltarei para vós” (João 14:18).

O Espírito Santo prossegue o amoroso ministério de Jesus. Ele conduz-nos a toda a verdade (João 16:13). Traz à nossa lembrança os ensinamentos do Salvador (João 14:26). Convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo (João 16:8-11). E o melhor de tudo, é que Ele está conosco!

Não temos de ir a nenhum templo para encontrar Deus. Não temos de fazer nenhuma peregrinação até algum santuário distante, onde se manifeste a presença divina. Deus já está aqui, exatamente aqui. Deus está conosco!

Pouco antes de nos deixar, Jesus prometeu: “Eis que estou convosco, todos os dias, até à consumação dos séculos” (Mat. 28:20). O apóstolo Paulo testificou assim: “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo, na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me

amou, e Se entregou a Si mesmo por mim” (Gál. 2:20).

Queridos amigos, somos capazes de estar unidos a Paulo nesse testemunho? Sabemos que Jesus vive em vós? Está Ele conosco, tal como prometeu?

Há muito tempo, Moisés orou assim: “De que outra maneira podemos saber que o Teu povo e eu somos do Teu agrado, se Tu não nos acompanhares? Só assim o Teu povo e eu podemos distinguir-nos de todos os outros povos da terra” (Êxo. 33:16, TIC). De igual modo, David implorou: “Não me lances fora da Tua presença” (Sal. 51:11).

Se temos andado a fugir de Deus, façamos a oração de David. Deus deseja habitar conosco. É Seu intenso desejo que conheçamos a Sua presença redentora. Ele quer ser o nosso refúgio, o nosso guia, o nosso mestre, o nosso Salvador, o nosso Senhor! ♣

QUESTÕES PARA

Reflexão e Partilha

1. Das cinco coisas representadas pelo santuário terrestre – refúgio, instrução, orientação divina, culto e perdão – qual é a mais necessária na vossa comunidade? Como é que estão a provê-la?
2. Se quisessem refletir o ministério da encarnação de Cristo na vossa comunidade, em que aspetos a vossa vida seria diferente?
3. De que modo é o ministério do Espírito Santo demonstrado na vossa vida, quer individualmente quer como congregação?



Eis o Cordeiro de Deus

SÓ ELE PODE PROVER O QUE NECESSITAMOS

“**N**o dia seguinte, João viu a Jesus, que vinha para ele, e disse: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo” (João 1:29).

Esta declaração de João Batista apontou o centro da missão de Jesus. Acima de tudo o mais do que Ele viera realizar – revelar o caráter de Deus, buscar e salvar os perdidos, proclamar as boas-novas e muito mais – Ele viera para ser o Sacrifício divino pelo pecado.

O próprio nome de Jesus apontava para esse proeminente propósito do Seu ministério. Antes de Ele nascer, o anjo do Senhor apareceu a José, que se comprometera a casar com Maria, e disse-lhe: “E dará à luz um filho, e chamarás o Seu nome Jesus; porque Ele salvará o Seu povo dos seus pecados” (Mat. 1:21).

“Jesus” é a forma grega de Josué, que significa “o Senhor salva”. Mais tarde, foi associado ao Seu primeiro nome o título “Cristo”, o qual significa “o Ungido”, isto é, “o Messias”. Por isso, quando dizemos “Jesus Cristo”, estamos realmente a dizer Salvador-Messias, ou o Messias que salva. Infelizmente, para milhões de pessoas hoje em dia, “Jesus Cristo” não é mais do que uma profanidade. Quão pouco entendem do significado real dessas palavras quando tomam o Seu nome em vão! É assim que o diabo, o inimigo infernal de Jesus no grande conflito entre o Bem e o Mal, procura desviar a atenção da obra redentora de Jesus!

O Seu Divino Propósito

Jesus nasceu para morrer. A morte é, para quase toda a gente, o último e triste ato no drama da vida. Mas não para Jesus: a morte foi o clímax da Sua vinda à Terra. Pela morte, Ele iria salvar o mundo. Disse Ele: “E Eu, quando for levantado da terra, todos atrairei a Mim” (João 12:32). E disse também: “E, como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do homem seja levantado; para que todo aquele que n'Ele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (João 3:14 e 15).

Poder-se-ia esperar que os seguidores de Jesus se sentissem envergonhados com a Sua morte. A crucificação era a pior maneira de morrer: era uma execução lenta, agonizante, levada a cabo num lugar público. Roma reservava-a para os piores criminosos; nenhum cidadão romano podia ser condenado a morrer dessa desprezível maneira. Jesus não era cidadão romano; Ele podia ser e foi crucificado. Até onde o Salvador Se rebaixou para conseguir a nossa salvação! Disso escreveu o apóstolo Paulo: “Humilhou-Se a Si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz” (Fil. 2:8).

Os primeiros Cristãos, porém, não se sentiam envergonhados. Nunca tentaram encobrir a forma como

Jesus morreu; não ficavam embaraçados com isso; não arranjavam desculpas para a Sua morte. Em vez disso, *anunciavam-na* com ousadia: “Em nome de Jesus Cristo, o nazareno, Aquele a quem vós crucificastes e a Quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome d'Esse é que este está são, diante de vós” (Atos 4:10); “Os judeus pedem sinal, e os gregos buscam sabedoria; mas nós pregamos a Cristo crucificado, que é escândalo para os judeus, e loucura para os gregos” (I Cor. 1:22 e 23); “Longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz do nosso Senhor Jesus Cristo, pelo qual o mundo está crucificado para mim, e eu para o mundo” (Gál. 6:14).

Ellen White explicou a obra redentora de Cristo assim:

“Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos era destinada, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia. ‘Pelas Suas pisaduras fomos sarados.’” (*O Desejado de Todas as Nações*, ed. P. SerVir, p. 16).

Falsas expectativas

Os discípulos de Jesus não aprenderam imediatamente o propósito divino por detrás da morte de Jesus. Quando João Batista, falando com

perceção divina, declarou: “Eis o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (João 1:29), aqueles que o ouviram devem ter ficado confusos quanto ao significado desta declaração. Ao longo do ministério de Jesus, os Doze esperavam que Ele viesse a agir como um Messias político, alguém que iria libertar os Judeus do jugo dos odiosos Romanos. Achavam incompreensíveis as predições de Jesus sobre os Seus sofrimentos e a Sua morte iminentes em Jerusalém (Mat. 16:21-23; 20:17-19).

Só depois da ressurreição é que os Seus seguidores começaram de facto a compreender o que significava a cruz no propósito de Deus. A luz começou a surgir no caminho para Emaús: “E Ele lhes disse: Ó néscios, e tardos de coração para crer tudo o que os profetas disseram! Porventura não convinha que o Cristo padecesse estas coisas, e entrasse na Sua glória? E, começando por Moisés, e por todos os profetas, explicava-lhes o que d'Ele se achava em todas as Escrituras” (Luc. 24:25-27).

À luz do Calvário também vemos mais claramente partes do Antigo Testamento que, sem Jesus, nos confundem e até nos perturbam.

As cerimónias do santuário, por exemplo: Porquê tantas mortes de animais inocentes? Porquê tanto derramamento de sangue? Olhando para trás, para o sistema sacrificial através das lentes da cruz, compreendemos que aquele preenchia uma função educacional. Ensinava aos Israelitas que o pecado tem altos custos – que não é uma questão ligeira; e que o pecado só podia ser resolvido com a dádiva da vida; como torna explícito o livro de Hebreus: “Sem derramamento de sangue, não há remissão” (Heb. 9:22).

A tenda no deserto e, mais tarde, o Templo focavam, naquele determinado tempo e lugar, a salvação pela graça. A pessoa que sentia tristeza pelos pecados cometidos encontrava paz fazendo aquilo que o Senhor instruíra, e não seguindo uma via de sua própria idealização.

Em última análise, contudo, o sacrifício de um animal não podia efetuar a expiação. “É impossível que o sangue dos toiros e dos bodes tire os pecados” (Heb. 10:4). Só a morte do homem-Deus, Jesus Cristo, podia trazer uma solução definitiva para os pecados. Assim, cada cordeiro ou outro animal trazido como oferta pelo penitente era eficaz unicamente devido à oferta do Cordeiro de Deus, para o qual aqueles apontavam.

Graças ao Calvário, também nós podemos começar a perceber a admirável, mas desconcertante, história que se encontra em Génesis 22 – de Abraão e do filho Isaque no Monte Moriá. Há muito tempo que este relato perturba os estudantes da Bíblia, sejam eles Judeus ou Cristãos. Aí vemos Jeová a ordenar a um pai idoso: “Toma, agora, o teu filho, o teu único filho, Isaac, a quem amas, e vai-te à terra de Moriá, e oferece-o ali em holocausto, sobre uma das montanhas, que Eu te direi” (v. 2).

Como é que um Deus de amor podia dar uma ordem destas? Parecem as palavras de uma das divindades pagãs que eram adoradas pelos habitantes de Canaã. Estes ofereciam sacrifícios humanos, mas Jeová proibia rigorosamente os filhos de Israel de imitarem tais práticas diabólicas: “Não entregues nenhum dos teus filhos para serem oferecidos ao deus Moloc. Seria profanar o nome do teu próprio Deus. Eu sou o Senhor!” (Lev. 18:21).

A instrução recebida deve ter atingido o coração de Abraão como uma espada. De algum modo, ele encontrou fé para avançar. Não conseguia compreender, mas já andava com o Senhor há demasiado tempo para agora Lhe desobedecer. Quando o rapaz Lhe fez a pergunta de despedaçar a alma: “Eis aqui o fogo e a lenha, mas onde está o cordeiro para o holocausto?”, Abraão respondeu: “Deus prove-rá para Si o cordeiro para o holocausto, meu filho” (Gén. 22:7 e 8).

E Deus proveu. Quando Abraão ergueu o cutelo para tirar a vida ao filho, o anjo do Senhor deteve-o com um brado. “Levantou Abraão os seus

olhos, e olhou; e eis um carneiro detrás dele, travado pelas suas pontas num mato” (v. 13). O animal tinha lá estado o tempo todo, mas o pai angustiado estava demasiado transtornado para reparar nele.

Abraão chamou àquele lugar *Yahweh jireh*, que quer dizer “o Senhor proverá”. Cerca de mil anos mais tarde, quando o rei Salomão construiu o Templo, ergueu-o no mesmo local, no Monte Moriá (II Crón. 3:1). E cerca de outros mil anos mais tarde, Jesus morreu ali próximo.

O Senhor que proveu para Abraão, proveu para toda a humanidade.

Finalmente, à luz de Jesus, o Cordeiro de Deus, percebemos o significado do maravilhoso capítulo cinquenta e três do livro de Isaías. Ali está Alguém que “como um cordeiro foi levado ao matadouro” (v. 7), que “foi ferido pelas nossas transgressões, e moído pelas nossas iniquidades: o castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados. Todos nós andámos desgarrados como ovelhas; cada um se desviava pelo seu caminho. Mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos” (vs. 5 e 6).

Meu amigo, aqueles pecados que Ele carregou são os meus pecados – e os teus. Não sentes amor por Ele, por este Jesus, este Cordeiro de Deus que morreu em nosso lugar? ♣

QUESTÕES PARA

Reflexão e Partilha

1. “Jesus nasceu para morrer”, diz o autor. Que papel desempenharam no Seu ministério terrestre a Sua vida e os Seus ensinamentos?
2. Até que ponto a ênfase bíblica nos sacrifícios de sangue afeta a nossa sensibilidade do século XXI? Sejamos sinceros.
3. O que é que significam para nós as palavras “o Senhor proverá”?



O Mediador

A NOSSA SALVAÇÃO ESTÁ NAS SUAS MÃOS

No dia 12 de outubro de 2010, o mundo inteiro susteve a respiração enquanto uma ousada operação de resgate atingia o seu clímax. Sesenta e nove dias antes, 33 homens tinham ficado presos a mais de 600 metros abaixo do solo, após um desmoronamento de rochas numa mina de ouro e cobre, onde eles trabalhavam, no Chile. Durante várias semanas, equipas de salvamento foram abrindo um poço de emergência cada vez mais perto dos mineiros presos, enquanto uma cápsula de 70 centímetros de diâmetro estava a ser aprontada. Finalmente, o poço chegou junto dos mineiros. Será que o plano daria resultado?

A história dos mineiros e da tentativa de resgate galvanizou a atenção das pessoas em toda a parte. Equipas de televisão, vindas de mais de 200 nações, incluindo da Coreia do Norte, congregaram-se no local. O presidente do Chile, Sebastián Piñera, aguardou para poder cumprimentar os homens à medida que iam emergindo da sua masmorra quente e insalubre.

Pouco depois da meia-noite, a expectativa transformou-se em júbilo quando a cápsula de resgate trouxe o primeiro mineiro para a superfície. Faiscaram *flashes*, bandas tocaram o hino nacional do Chile, trocaram-se abraços, correram lágrimas de alegria. No decurso das 21 horas seguintes, mais e mais homens foram chegando à superfície, até que todos os 33 tinham sido devolvidos às esposas, aos familiares e amigos.

Foi um momento maravilhoso, um breve interregno entre as más

notícias habitualmente transmitidas pelos meios de comunicação. E, no entanto, nada daquilo se comparou ao dia em que todo o Céu susteve a respiração. Há muito tempo, o destino de não apenas 33 pessoas, mas de todo o mundo, estava em jogo. Também nós estávamos encurralados, condenados num miserável fosso de pecado, sem qualquer meio de escape e sem esperança. Mas o Filho de Deus, abrindo caminho através da rocha dura do desespero, deu início a uma ousada missão de resgate. À medida que o Seu trabalho se aproximava do clímax e Ele enfrentava a agonia do Getsémani e a ignomínia do Calvário, o Universo olhava em espanto e apreensão.

Ellen White escreveu assim: “Os mundos não caídos e os anjos celestiais observavam com intenso interesse o conflito que se aproximava do seu desfecho. Satanás e as suas hostes do Mal, as legiões de após-

tatas, observavam intensamente esta grande crise na obra da redenção. Os poderes do Bem e do Mal aguardaram para ver qual a resposta que seria dada à oração, três vezes repetida, de Jesus. Os anjos desejaram trazer alívio ao Sofredor divino, mas isso não podia ser. Não havia nenhum meio de escape para o Filho de Deus. Nesta horrível crise, quando tudo estava em jogo, quando o misterioso cálice tremia nas mãos do Sofredor, abriu-se o Céu, uma luz brilhou na escuridão tempestuosa da hora da crise e o poderoso anjo que permanecia na presença de Deus, ocupando a posição da qual Satanás caíra, veio para junto de Jesus” (*O Desejado de Todas as Nações*, ed. P. SerVir, pp. 590 e 591).

O Único

Oh! Que Salvador é Jesus! Como Ele Se tornou genuinamente humano, assumindo a nossa carne e o nosso sangue, tornou-Se no nosso grande Sumo-sacerdote, o Mediador entre Deus e o homem. Ele é o Deus-homem, cobrindo em Si mesmo o fosso entre o Céu e a Terra, o qual fora aberto pela queda dos nossos primeiros pais.

O santuário terrestre apontara para Ele. As suas cerimónias centravam-se em sacrifício e sacerdote. O sangue de cordeiros, cabras, touros e bezerros, oferecido pelo pecador penitente, prefigurava Jesus, o Cordeiro de Deus, que haveria de remover o pecado do mundo. Ora, o ministério do sacerdote – sobretudo



o do Sumo-sacerdote, o único autorizado a entrar no Lugar Santíssimo, uma vez por ano, no Dia da Expição – contemplava o futuro ministério mais grandioso do Deus-homem no Santuário celestial.

“Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem” (I Tim. 2:5). “E, por isso, é Mediador de um novo testamento, para que, intervindo a morte, para remissão das transgressões que havia debaixo do primeiro testamento, os chamados recebam a promessa da herança eterna” (Heb. 9:15).

Um Mediador – um único! Mais ninguém pode unir o Céu à Terra. Mais ninguém pode perdoar os nossos pecados. Mais ninguém pode ou deve reclamar para si aquilo que só Jesus pode ser e fazer.

Não precisamos de confessar os nossos pecados a um mero ser humano que pretende ter a prerrogativa de atuar como intermediário em nosso favor, levando as nossas súplicas até junto de Deus. Não! “Temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo; Ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas, também, pelos de todo o mundo” (I João 2:1 e 2).

O Mediador que temos no Céu é Alguém que compreende as nossas lutas. Ele viveu-as, Ele esteve lá. Ele

sofreu e foi tentado. Ele sentiu a dor da tristeza, o aguilhão da rejeição. Seja o que for que nos aconteça – Ele já passou por essa experiência.

O livro de Hebreus, numa maravilhosa exposição, desenvolve a verdade de Jesus como nosso grande Sumo-sacerdote. No primeiro capítulo, demonstra que Ele é verdadeiramente Deus, superior aos anjos. O Filho “é o resplendor da Sua glória, e a expressa imagem da Sua pessoa, sustentando todas as coisas pela palavra do Seu poder. “Mas, do Filho, diz: Ó Deus, o Teu trono subsiste pelos séculos dos séculos” (Heb. 1:3, 8).

Maravilhosas Implicações

Que esta gloriosa verdade penetre bem no nosso ser: Ao irmos a Jesus, vamos a Deus. Jesus não é um ponto intermédio no caminho entre o Céu e a Terra; Ele é Deus. Tudo o que Deus é, Jesus é; sempre o foi e sempre o será. “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus” (João 1:1).

Jesus ama-nos tanto que nos chama Seus amigos (João 15:14 e 15), tal como Abraão no Antigo Testamento foi chamado o “amigo” de Deus (II Crón. 20:7). Podemos estabelecer um precioso companheirismo com Ele, mas não esqueçamos nunca quem Ele é – Deus! Nas nossas orações, nos nossos cânticos, em toda a nos-

sa conversa acerca de Jesus, nunca O tratemos como um “compincha”, como se Ele fosse um de nós.

Voltando ao livro de Hebreus: assim como o capítulo 1 defende que Jesus é verdadeiramente Deus, também, de igual modo, o capítulo 2 retrata-O como verdadeiramente homem. “E, visto como os filhos participam da carne e do sangue, também Ele participou das mesmas coisas, para que, pela morte, aniquilasse o que tinha o império da morte, isto é, o diabo: E livrasse todos os que, com medo da morte, estavam, por toda a vida, sujeitos à servidão” (Heb. 2:14 e 15).

Aqui temos mais uma vez – a grande missão de resgate. Jesus não enviou outro qualquer, mas veio Ele mesmo, porque ninguém mais podia desempenhar essa tarefa. Ele tornou-Se um connosco, passou pelo horror supremo, do qual todos nos retraímos – a morte. Ele penetrou no reino da morte e destruiu o seu poder e pôs fim ao seu pavor. Ressuscitou dos mortos, deixando o túmulo vazio!

Verdadeiramente Deus, verdadeiramente homem – Jesus é o Deus-homem, totalmente único no Universo. E assim Ele tornou-Se no nosso Sumo-sacerdote, atuando nas cortes acima: “Pelo que convinha que, em tudo, fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel Sumo-sacerdote

naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo” (v. 17).

Ao longo da História humana, e ainda hoje, homens e mulheres têm sentido a necessidade de sacerdotes. Cientes da sua indignidade, buscam outros seres humanos a quem consideram mais próximos de Deus e, por conseguinte, capazes de levar as suas preces e outras necessidades de tal maneira que Deus as aceitará. Na realidade, porém, só houve e há um único Sacerdote autêntico, o Deus-homem, o Qual, na Sua própria pessoa, nos leva à presença de Deus. Todos os outros foram apenas sacerdotes-sombra. Eles mesmos estavam, e estão, carecidos do Mediador, Jesus Cristo. É por essa razão que mesmo o Sumo-sacerdote do santuário terrestre tinha de, “tanto pelo povo, como, também, por si mesmo, fazer oferta pelos pecados” (Heb. 5:3).

O ensino de Jesus como nosso grande Sumo-sacerdote no Santuário celestial é uma verdade preciosa confiada aos Adventistas do Sétimo Dia, para que a partilhem com o mundo. Em essência, ela traz-nos certeza em quatro áreas vitais:

1. *A realidade da nossa esperança.*

Para muitos Cristãos hoje, o Céu desvaneceu-se como lugar real. Mesmo alguns pregadores já deixaram de acreditar na vida depois da morte; defendem que a imortalidade consiste na vida dos nossos filhos e netos. No entanto, o ministério atual de Jesus torna certo que o Céu é autêntico e que Ele vai voltar outra vez para nos levar para Si mesmo. “Ora, a suma do que temos dito é que temos um Sumo-sacerdote tal que está assentado nos céus, à direita do trono da majestade, ministro do santuário e do verdadeiro tabernáculo, o qual o Senhor fundou e não o homem” (Heb. 8:1 e 2).

2. *A realidade do perdão.* Não importa o que os nossos sentimentos nos possam sugerir, a verdade é que temos um Mediador que salva, “vivendo sempre para interceder” por nós (Heb. 7:25). Os sentimentos são

inconstantes, mas Jesus não é. Ainda que todos os outros se demonstrem indignos de confiança, Ele “permanece fiel; não pode negar-Se a Si mesmo” (II Tim. 2:13).

3. *O Céu é um lugar de boas-vindas.*

Nós somos de lá: não comparecemos encolhidos de medo, com o chapéu na mão. Jesus está lá para nos receber; Ele faz-nos sentir bem-vindos. “Visto que temos um grande Sumo-sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão; porque não temos um Sumo-sacerdote que não possa compadecer-Se das nossas fraquezas, porém, um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Cheguemo-nos, pois, com confiança, ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Heb. 4:14-16).

4. *O santuário é um lugar de poder.*

Jesus não só compreende e simpatiza connosco nas nossas lutas, mas Ele dá-nos o poder para vencer. “Porque, naquilo que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados” (Heb. 2:18).

Querido amigo ou amiga, sabes que tens um Mediador, Alguém que comparece por ti nas cortes celestiais? Não importa o que possa ter sido a tua vida do passado, não importa quanto te tenhas desviado do sagrado propósito de Deus para a tua vida, Ele aceita-te. Tu és Seu filho, Sua filha. Vem até Ele e deixa diante d’Ele as tuas preocupações; Ele assume-as e conceder-te-á a Sua paz.

Numa reunião de testemunhos, no encerramento de uma recente reunião de dirigentes da Igreja Adventista, um dos administradores contou uma história pessoal emocionante. Sete meses antes, a sua esposa e ele desembarcaram de um avião em Los Angeles, na Califórnia. No caminho para o balcão dos carros de aluguer, ele sentiu repentinamente uma dor terrível no peito. A principal artéria do seu coração esta-

va totalmente obstruída; ele estava a um passo da morte. A esposa, enfermeira diplomada, perguntou se alguém tinha uma aspirina disponível. Felizmente, um funcionário tinha nessa manhã posto um comprimido de aspirina no bolso e deu-lho. Mesmo assim, o coração daquele pastor parou de bater; a esposa aplicou-lhe ressuscitação cardiopulmonar e trouxe-o de volta à vida.

“Sabem como é morrer?”, perguntou ele à assistência pasmada. Enquanto estava ali entre a vida e a morte, tudo aquilo em que conseguia pensar era: “Nada em minha mão eu trago, simplesmente à cruz me apego” (da letra original do hino “Rocha Eterna”, escrito por Augustus M. Toplady).

Se eu não estiver vivo para ver Jesus a voltar nas nuvens, se eu tiver de passar pelas águas frias da morte, que o meu último pensamento seja precisamente esse. Jesus, só Jesus; Ele é tudo o que temos nesta vida; Ele será tudo o que desejamos na vida vindoura. Ele é o nosso Salvador, Senhor, Amigo, Rei Vindouro – e Mediador. ✦

QUESTÕES PARA

Reflexão e Partilha

1. Que significado tem para si Jesus ser “um de nós”? Que diferença isso faz na sua vida pessoal?
2. Das quatro realidades citadas pelo autor – esperança, perdão, Céu e poder – qual delas tem maior significado para si neste momento da sua experiência espiritual?
3. Quando foi que finalmente compreendeu que a sua única esperança de salvação estava no seu relacionamento com Jesus? Que acontecimento despoletou essa compreensão?



Graça Viva

TRANSFORMADOS PELA CONTEMPLAÇÃO

Quando permitimos que Jesus seja o nosso Senhor, Ele transforma-nos. A graça, o amor redentor de Deus, transforma-nos ao andarmos com Jesus todos os dias.

O apóstolo Paulo escreveu: “Porque a graça de Deus se há manifestado, trazendo salvação a todos os homens, ensinando-nos que, renunciando à impiedade e às concupiscências mundanas, vivamos, neste presente século, sóbria, e justa, e piamente, aguardando a bem-aventurada esperança e o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo; o Qual Se deu a Si mesmo por nós, para nos remir de toda a iniquidade, e purificar, para Si, um povo Seu, especial, zeloso de boas obras” (Tito 2:11-14).

Esta passagem apresenta a natureza de uma vida vivida pela graça de Deus. Tudo se altera – as nossas escolhas, a nossa esperança e a nossa motivação.

Somos confrontados, dia após dia, com escolhas a fazer. O mundo está sempre a pressionar-nos com a sua “concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida” (I João 2:16), mas a graça ensina-nos a dizer “Não!” e a escolher a via mais nobre, o caminho de Jesus. Além disso, a graça sustém-nos enquanto esperamos que Jesus volte. Não sabemos quando Ele virá, mas sabemos que vem, porque assim o prometeu: “Virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo” (João 14:3). Já nesta vida Ele nos enche de alegria e paz, mas o melhor está ainda para vir, quando O virmos face a face. Mais ainda, a Sua graça motiva-nos a ser tudo o que Ele deseja que sejamos – um povo purificado, que Lhe pertence, ansioso por fazer o que é certo.

Deus ordenou ao povo de Israel no deserto: “E Me farão um santuário, e habitarei no meio deles” (Êxo.

25:8). A Sua glória do *Shekinah*, entre os querubins no Lugar Santíssimo do tabernáculo, demonstrava que Ele cumpria a Sua promessa: Ele habitava de facto entre eles.

O Desejo de Deus

Deus continua a desejar habitar entre o Seu povo. Não temos hoje nenhum santuário no deserto, nenhum belo Templo em Jerusalém, mas temos uma maneira mais maravilhosa de saber que Deus está connosco. O grande EU SOU, o Criador do Universo, condescende presentemente em viver *dentro* de nós! Já não é numa tenda, já não é num templo de ouro, prata e pedras preciosas, mas num corpo! “Não sabeis que o vosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus?”, pergunta o apóstolo Paulo. E continua: “Não sois de vós mesmos;

porque fostes comprados por bom preço; glorificai, pois, a Deus, no vosso corpo” (I Cor. 6:19 e 20).

De que modo pode Deus habitar em nós é um mistério, o mistério “que é Cristo em vós, a esperança da glória” (Col. 1:27). No entanto, todo o homem e toda a mulher, todo o rapaz ou menina que aceitou Jesus como Salvador e Senhor sabem que isto é um facto. Jesus é tão real como o nosso melhor amigo; Ele é o nosso melhor amigo.

Procuramos, por conseguinte, honrar Deus em tudo o que fazemos. Os nossos corpos não são simples templos vivos; são sacrifícios vivos oferecidos em louvor e adoração ao Senhor cuja graça nos salvou. “Pela compaixão de Deus... apresentai os vossos corpos em sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional. Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso entendimento” (Rom. 12:1 e 2).

Não somos templos do Espírito Santo apenas individualmente, mas Deus deseja que o Seu povo coletivamente seja um lugar santo da Sua habitação, onde a Sua presença se manifeste. “Não sabeis vós que sois o templo de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá; porque o templo de Deus, que sois vós, é santo” (I Cor. 3:16 e 17).

Deus deseja que a Sua Igreja reflita a Sua santidade. Ela deve ser uma manifestação cósmica do amor, da

sabedoria e da graça de Deus. Que ideal grandioso!

O apóstolo Pedro desenvolve este tema: “Vós, também, como pedras vivas, sois edificados casa espiritual e sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais, agradáveis a Deus por Jesus Cristo” (I Pedro 2:5). Antigamente, o Templo em Jerusalém era uma maravilha que deslumbrava as pessoas de perto e de longe. Esse é o tipo de testemunha que Deus deseja que a Sua Igreja seja nos últimos dias da História da Terra – algo que atraia as pessoas para Jesus.

A glória da Igreja não consiste em edifícios magníficos nem em instalações dispendiosas. As nossas casas de culto devem ser atraentes e representativas do Senhor que nelas habita, mas nunca caímos no logro da exibição e do orgulho mundanos. A glória da Igreja consiste nas *pessoas* que aí se reúnem, na sinceridade da nossa devoção e do nosso louvor ao Senhor, no amor e na aceitação que demonstramos uns pelos outros.

Avançando com Humildade

Embora a nossa Igreja tenha começado de uma forma muito humilde, nascida de um desapontamento e com apenas alguns crentes, temo-nos espalhado até aos confins da Terra. Somos atualmente mais de 17 milhões de membros batizados, e todos os anos mais de 1 milhão de pessoas é acrescentado às nossas fileiras. Temos em funcionamento mais de 100 universidades e institutos superiores, além de muitos hospitais, clínicas e casas publicadoras.

Louvo a Deus por aquilo que Ele fez e continua a fazer entre nós. Detenhamo-nos um pouco para Lhe dar toda a glória e todo o louvor. Mas estejamos atentos, não se dê o caso que, enquanto com a boca pronunciamos expressões piedosas, comecemos no coração a pensar como Nabucodonozor: “Não é esta a grande Babilónia que eu edifiquei...?” (Dan. 4:30).

Quando alguém entra numa igreja Adventista, o que é que aí encontra? Sentem imediatamente que Deus

está nesse lugar? Sentem calor, carinho e amizade da parte dos santos que os recebem bem? Ouvem a Palavra de Deus a ser pregada do púlpito? Cristo é enaltecido pela Sua graça, salvação e esperança?

O meu coração estremece por muitas vezes ficarmos bastante longe naquilo que demonstramos pelos nossos atos. Fazemos belas orações e cantamos hinos formidáveis, mas, com demasiada frequência, exibimos orgulho, desejo de impressionar os outros, e sentimentos feios para com as pessoas que são diferentes de nós – na raça, no género, na educação ou na posição social. O sermos o povo remanescente de Deus dá-nos volta à cabeça.

A Igreja é preciosa aos olhos de Deus. Ela é o palco da Sua atividade, onde a graça viva é demonstrada ao mundo por intermédio de um corpo de crentes. “Cristo amou a Igreja, e a Si mesmo Se entregou por ela, para a santificar, purificando-a com a lavagem da água, pela palavra. Para a apresentar a Si mesmo, Igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (Efé. 5:25-27).

Ellen White também deu muitos conselhos sobre o ideal de Deus para a Igreja:

“A Igreja é o meio que Deus escolheu para a salvação dos homens. Foi organizada para servir, e a sua missão é levar o evangelho ao mundo. Desde o princípio que o plano de Deus é que a Sua grandeza e os Seus recursos sejam refletidos no mundo através da Sua Igreja. É aos membros da Igreja, a quem Ele chamou das trevas para a Sua maravilhosa luz, que compete manifestar a Sua glória. A Igreja é a depositária das riquezas da graça de Cristo, e através dela será, no momento próprio, manifestada, mesmo aos ‘principados e potestades nos céus’ (Efés. 3:10), a última e total demonstração do amor de Deus.” (*Atos dos Apóstolos*, ed. P. SerVir, p. 9.)

“Fracas e defeituosa como possa parecer, a Igreja é o único objeto sobre o qual Deus concede, em sentido

especial, a Sua suprema atenção. É o cenário da Sua graça, na qual Se alegra em revelar o Seu poder de transformar corações.” (*Idem*, p. 11).

Noutros passos, Ellen White escreve que a Igreja é levada no coração de Cristo (*Serviço Cristão*, p. 243); é um cofre que contém as joias de Deus (*Testemunhos Para a Igreja*, vol. 6, p. 261); é uma fortaleza num mundo revolto (*Medicina e Salvação*, p. 89); é a representante de Cristo na Terra (*Atos dos Apóstolos*, ed. P. SerVir, p. 87); é para Deus o objeto mais querido sobre a Terra (Parábolas de Jesus, p. 166), e é propriedade de Deus (*Testemunhos Para Ministros*, p. 19).

Que privilégio é ser parte da família de Deus na Terra! Que nunca encaremos o ser membro de Igreja como coisa ligeira, como se a Igreja fosse um clube, ao qual nos associamos ou do qual nos afastamos segundo a nossa vontade.

Jesus, o nosso grande Sumo-sacerdote no Santuário celestial, é o Senhor da Igreja. Enquanto Ele está a ministrar no Céu em nosso favor, entreguemo-nos momento a momento à Sua graça transformadora, glorificando-O no templo do nosso corpo e edificando a “Igreja, que é o Seu corpo” (Efé. 1:22 e 23). ✨

QUESTÕES PARA

Reflexão e Partilha

1. O que significa para si santidade? De que modo a graça de Deus dá cor à forma como compreende pessoalmente a santidade?
2. Como é que podemos manifestar gratidão, sem cairmos presa do orgulho, pela maneira como Deus tem conduzido este movimento?
3. Em que aspetos a maneira como Deus olha a Sua Igreja se compara com a sua maneira pessoal de a ver? Quais são as diferenças? Quais são as semelhanças?



Vem Aí o Dia do Juízo!

NÃO É UMA AMEAÇA; É UMA PROMESSA

“**M**as Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia, agora, a todos os homens, e em todo o lugar, que se arrependam: porquanto tem determinado um dia em que, com justiça, há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-O dos mortos” (Atos 17:30 e 31).

O apóstolo Paulo está de pé no monte rochoso, em frente da Acrópole, em Atenas. No meio da multidão, que se reuniu para ouvir aquilo que ele tem a dizer, estão filósofos e transeuntes desejosos de apanhar qualquer nova e excitante informação. Paulo começa a falar das práticas religiosas que ele observou pela cidade e aponta-lhes o único Deus verdadeiro, o criador dos Céus e da Terra, a fonte da vida para todos. Leva então o discurso ao seu clímax com uma advertência: *Vem aí o dia do juízo!*

É uma mensagem que ressoa por toda a Bíblia. Deus, o árbitro moral do Universo, chamará homens e mulheres à responsabilidade. Ninguém pode escapar; ninguém pode esconder-se. As pessoas podem tentar negá-lo, tentar sacudi-lo da sua consciência, mas o facto permanece: *vem aí o dia do juízo!* “Porque todos devemos comparecer perante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito por meio do corpo, ou bem, ou mal” (II Cor. 5:10). “Porque, com fogo e com a Sua espada, entrará o Senhor em juízo com toda a carne; e os mortos do Senhor serão multiplicados” (Isa. 66:16). De igual modo Jesus, que falou tanto do amor do Pai, ensinou que o dia do ju-

ízo estava para vir: “Mas Eu vos digo que, de toda a palavra ociosa que os homens disserem, hão de dar conta no dia do juízo” (Mat. 12:36).

No nosso mundo caído atual, abunda a injustiça. Frequentemente, os pobres não recebem o que lhes é devido, enquanto aqueles que têm os meios para pagar a alto preço a advogados saem em liberdade. Vivemos numa época em que predomina a iniquidade, em que a desumanidade do homem contra o seu próximo não conhece limites, em que o mal parece movimentar-se sem controlo, em que “a verdade está sempre no cadafalso, e o mal sempre no trono.”*

No entanto, o Senhor diz-nos, como diz a toda a humanidade: *vem aí o dia do juízo!* O mal não continuará para todo o sempre. A justiça não continuará a ser negada ou pervertida. Deus tomará os assuntos nas Suas mãos; Ele vai chamar toda a humanidade à responsabilidade.

Permanecer Firme

Depois do Holocausto, muitos Judeus abandonaram a fé em Deus. Perante o que parecia ser o silêncio divino, já não conseguiam acreditar. O problema, no entanto, é muito mais antigo. Vem à tona em vários

lugares das Escrituras, nomeadamente no Salmo 73. Aí, o salmista reconhece com sinceridade as suas lutas interiores ao ver que aqueles que rejeitam Deus parecem prosperar. “Quanto a mim, os meus pés quase que se desviaram; pouco faltou para que escorregassem os meus passos”, confessa ele. “Pois eu tinha inveja dos soberbos, ao ver a prosperidade dos ímpios” (vs. 2 e 3).

As pessoas que não se interessam nada por Deus parecem desfrutar de uma boa vida – saudáveis, sem preocupações, ricos, presunçosos, violentos, maledicentes, maliciosos, arrogantes (vs. 4-12). Dizem eles: “Como o sabe Deus? ou há conhecimento no Altíssimo?” (v. 11).

Era uma questão demasiado pesada para o salmista compreender, e é também pesada para nós. Contudo, a resposta, tanto para ele como para nós, vem nestas palavras: “Até que entrei no santuário de Deus: então entendi eu o fim deles” (versículo 17).

Para o salmista, o santuário dava-lhe a certeza de que Deus estava vivo e ativo. Deus continuava no trono, e quando chegasse a Sua hora, segundo o Seu plano, Ele poria fim ao reinado do pecado e do Mal. Deus iria corrigir todas as coisas.

Para nós, o Santuário celestial, onde Jesus ministra como nosso grande Sumo-sacerdote, dá-nos a mesma certeza. O mundo não vai continuar para sempre. Os crimes que invadem a sociedade moderna, os atos vis de homens e mulheres serão, um dia, levados ao escrutínio do Senhor do Universo. *Vem aí o dia do juízo!*

Em muitas Igrejas Cristãs, a doutrina do julgamento está praticamente posta de lado. Ainda que os membros dessas Igrejas continuem a dizer as palavras do antigo credo – “Cristo virá julgar os vivos e os mortos” – a ideia já não tem significado na sua experiência. Os Adventistas do Sétimo Dia, porém, retêm esta verdade bíblica como componente vital da sua teologia. Vemos a nossa mensagem retratada nos três anjos de Apocalipse, que vão a todo o mundo com a proclamação: “Temei a Deus e dai-Lhe glória, porque é vinda a hora do Seu juízo, e adorai Aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apoc. 14:7).

Repare-se na correspondência desta mensagem com o discurso do apóstolo Paulo no Areópago. O apóstolo lançou aos seus ouvintes céticos o desafio de se arrependerem; a nossa mensagem chama as pessoas a temer a Deus e dar-Lhe glória. Paulo falou de “um dia em que [Deus], com justiça, há de julgar o mundo”; nós pregamos: “vinda é a hora do Seu juízo.”

Transformados pela Graça

Por fim, Paulo declarou que Deus vai julgar o mundo pelo homem que Ele destinou, Aquele que foi ressuscitado dos mortos – Jesus Cristo. A mensagem que os Adventistas devem anunciar ao mundo está centrada em Jesus. É “o evangelho eterno”, as boas-novas do Deus-homem que operou a nossa salvação e que em breve virá outra vez. Ele é Aquele que “fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Apoc. 14:7), porque “todas as coisas foram feitas por Ele, e, sem Ele, nada do que foi feito se fez” (João 1:3).

No juízo, a questão fundamental tem a ver com o nosso relacionamento com Jesus. Não podemos salvar-nos a nós mesmos, por muito que o tentemos fazer. Quando o nosso nome surgir no tribunal celestial, com o relato absolutamente rigoroso da nossa vida ali exposto – tudo o que fizemos e o que deixámos por fazer, todas as nossas palavras, todos os

pensamentos mais íntimos – há uma questão que terá precedência sobre todas as demais: O que fizemos com o Filho de Deus? “Porque Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por Ele. Quem crê n'Ele não é condenado, mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do Unigénito Filho de Deus” (João 3:17 e 18).

O registo celestial da nossa vida, ainda que só por si não possa dar-nos qualquer esperança, é, não obstante, importante, pois revela qual a *direção* da nossa vida. Somos fracos e falíveis; tentamos, mas caímos, e caímos de novo. Com todos os avanços e recuos, porém, a graça de Cristo está a transformar-nos. A transformação ocorre silenciosamente, diariamente, à medida que a imagem de Deus se vai renovando em nós. Ao andarmos com Jesus, ao nos entregarmos a Ele cada dia, alimentando-nos com a Sua Palavra e procurando viver para a Sua glória, tornamo-nos como Ele. Assim como um marido e a esposa, que se amam profundamente, começam a parecer-se um com o outro, também as pessoas que amam Jesus se vão parecendo mais e mais com Ele.

“Mas, todos nós, com cara descoberta, refletindo, como um espelho, a glória do Senhor, somos transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (II Cor. 3:18).

Alguns Adventistas do Sétimo Dia receiam o juízo. Vivem na dúvida e com a apreensão de que não vão ser considerados suficientemente bons para no fim serem admitidos no Céu.

Querido leitor, está entre os receosos? Permita-me que lhe dê uma resposta direta da Bíblia: De facto não é suficientemente bom. Por si só, nunca lá chegará.

Jesus, contudo, é suficientemente bom. Se O aceitou como seu Salvador e Senhor, Ele preenche o seu lugar. O Pai, quando olhar para si, vai ver apenas a justiça perfeita do Seu Filho e não o registo manchado da sua vida.

Poderá isto ser verdade? Confie-mos na Palavra de Deus, que nos garante:

“Visto que temos um grande Sumo-sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão; porque não temos um Sumo-sacerdote que não possa compadecer-Se das nossas fraquezas, porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Chegemo-nos, pois, com confiança, ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Heb. 4:14-16).

A última mensagem de Ellen White, escrita em 1914, foi dirigida a uma pessoa perturbada por dúvidas e receios quanto à sua aceitação por Jesus. Foi assim que a Sra. White escreveu:

“É vosso privilégio confiar no amor de Jesus para a salvação, da maneira mais ampla, mais segura e mais nobre; e dizer: Ele me ama, Ele me recebe, n'Ele confiarei, pois deu a Sua vida por mim” (*Testemunhos para Ministros*, p. 517).

Que descanso! Que certeza! O trono de Deus no Céu é um trono da graça! A graça é a nossa esperança viva; a graça é a nossa salvação.

Na realidade, isto são boas-novas. *Vem aí o dia do juízo!* Deus seja louvado! ✨

QUESTÕES PARA

Reflexão e Partilha

1. Das muitas injustiças no mundo atual, quais são as que mais precisam de ser corrigidas? Enumere pelo menos cinco.
2. O que é que lhe mantém a si a esperança e o otimismo, apesar do mal, da violência e da corrupção tão evidentes no mundo?
3. De que maneiras deve a Igreja envolver-se na promoção da justiça no mundo, enquanto aguarda o regresso de Cristo?



A Caminho do Lar

MAIS PERTO DO QUE NUNCA DO NOSSO DESTINO FINAL

Presentemente, a Igreja é militante, hoje estamos confrontados com um mundo envolvido nas trevas da meia-noite, quase totalmente entregue à idolatria. Contudo, aproxima-se o dia em que a batalha estará terminada e obtida a vitória. A vontade de Deus deve ser feita na Terra, como é feita no Céu. Então, as nações não terão outra lei a não ser a Lei do Céu. Todos serão uma família unida e feliz, vestida com as vestes de louvor e gratidão – o manto da justiça de Cristo. Toda a Natureza, no seu inextinguível encanto, oferecerá a Deus um tributo constante de louvor e adoração. O mundo será banhado pela luz do Céu...

Devemos procurar uma visão do futuro e da bem-aventurança do Céu. Coloquem-se no limiar da eternidade e ouçam as graciosas boas-vindas dadas àqueles que nesta vida cooperaram com Cristo, considerando um privilégio e uma honra sofrer por Seu amor. Ao unirem-se aos anjos, lançam as suas coroas aos pés do Redentor, exclamando: “Digno é o Cordeiro, que foi morto, de receber o poder, e riquezas, e sabedoria, e força, e honra, e glória, e ações de graças... Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder, para todo o sempre.”

Os Remidos Salvos pela Graça

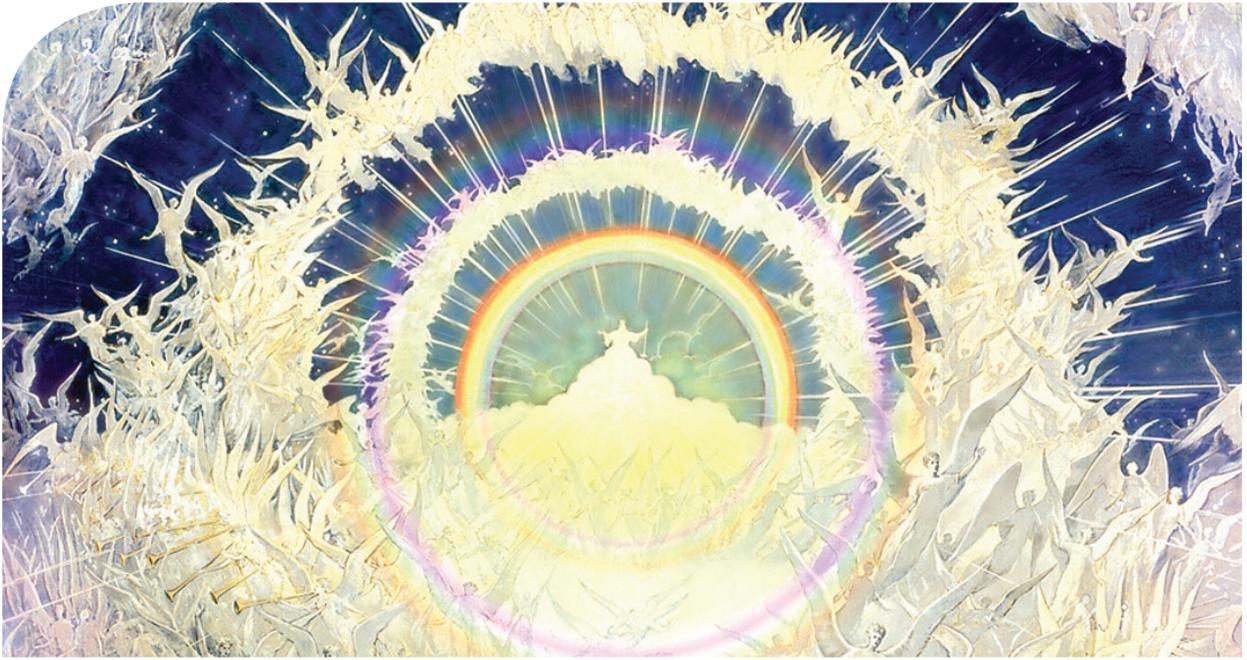
Ali, os remidos saudarão aqueles que os conduziram ao Salvador crucificado. Unem-se em louvor Àquele que morreu para que os seres humanos pudessem ter a vida que se compara com a vida de Deus. O conflito está terminado. Toda a tribulação e luta chegaram ao fim. Cânticos de vitória encham o Céu, enquanto os remidos estão ao redor do trono de Deus. Todos participam no jubiloso coro: “Digno, digno é o Cordeiro que foi morto, e vive outra vez, triunfante Vencedor.” ...

Vamos apropriar-nos da inspiração desta visão? Vamos deixar que a nossa mente se demore neste quadro?¹

“A obra da redenção estará completa. Onde abundou o pecado, superabundou a graça de Deus. A Terra, o próprio campo que Satanás reclama como seu, não tem de ser apenas redimido, mas exaltado. O nosso pequenino mundo, sob a maldição do pecado, a única mancha escura da Sua gloriosa criação, será honrado acima de todos os outros mundos do Universo de Deus. Aqui, onde o Filho de Deus habitou na humanidade, onde o Rei da Glória viveu, sofreu e morreu – aqui, quando Ele tiver feito novas todas as coisas, estará o tabernáculo de Deus com os homens, e ‘com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e o mesmo Deus estará com eles, e será o seu Deus.’ E através dos séculos sem fim, enquanto os remidos andam na luz do Senhor, hão de louvá-l’O por Seu inefável Dom – EMANUEL, ‘DEUS CONNOSCO’.”²

“Vi um novo céu, e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram” (Apoc. 21:1). O fogo que consome os ímpios, purifica a Terra. Todo o vestígio de maldição é removido. Nenhum inferno a arder eternamente conservará perante os resgatados as terríveis consequências do pecado.

“Apenas uma lembrança permanece: o nosso Redentor terá sempre os sinais da Sua crucificação. Na Sua fronte ferida, no Seu lado, nas Suas



mãos e pés, serão visíveis os únicos vestígios da obra cruel que o pecado efetuou. Diz o profeta, contemplando Cristo na Sua glória: 'Raios brilhantes saíam da Sua mão, e ali estava o esconderijo da Sua força' (Hab. 3:4). ... E os sinais da Sua humilhação são a Sua mais elevada honra; através das eras infindáveis, os ferimentos do Calvário proclamarão o Seu louvor e declararão o Seu poder.

O Éden Restaurado pela Graça

"E a ti, ó torre do rebanho, monte da filha de Sião, a ti virá: sim, a ti virá o primeiro domínio' (Miq. 4:8). Chegado é o tempo, para o qual santos homens têm olhado com anseio desde que a espada inflamada vedou o Éden ao primeiro par – tempo para 'a redenção da possessão de Deus' (Efé. 1:14). A Terra, dada originalmente ao homem como seu reino, traída por ele às mãos de Satanás, e tanto tempo retida pelo poderoso adversário, foi recuperada pelo grande plano da redenção. Tudo o que se perdera pelo pecado foi restaurado. 'Assim diz o Senhor ... que formou a Terra e a fez; Ele a estabeleceu, não a

criou vazia, mas a formou para que fosse habitada' (Isa. 45:18). O propósito original de Deus na criação da Terra cumpre-se ao fazer-se ela a eterna morada dos remidos. 'Os justos herdarão a Terra e habitarão nela para sempre' (Sal. 37:29).

Foi dada a Adão e Eva uma visão geral do grande conflito, como parte da instrução que recebiam no santuário do Éden.

"Na Bíblia a herança dos salvos é chamada 'um país' (Heb. 11:14-16). Ali, o Pastor celestial conduz o Seu rebanho às fontes de águas vivas. A árvore da vida produz o seu fruto de mês a mês, e as folhas da árvore são para a saúde das nações. Existem torrentes sempre a fluir, claras como cristal, e, ao lado delas, árvores ondulantes projetam a sua sombra sobre as veredas preparadas para os resgatados do Senhor. Ali, as extensas planícies prolongam-se em colinas de beleza, e as montanhas de Deus erguem os seus al-

tivos píncaros. Nessas pacíficas planícies, ao lado daquelas correntes vivas, o povo de Deus, durante tanto tempo peregrino e errante, encontrará um lar....

"A dor não pode existir na atmosfera do Céu. Ali, não mais haverá lágrimas, cortejos fúnebres, manifestações de pesar. 'Não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, ... porque já as primeiras coisas são passadas' (Apoc. 21:4). 'E nenhum morador dirá: enfermo estou; porque o povo que habitar nela será absolvido da sua iniquidade' (Isa. 33:24)."

Deus Habita Connosco

"Ali está a Nova Jerusalém, a metrópole da nova Terra glorificada, como 'uma coroa de glória na mão do Senhor e um diadema real na mão do teu Deus' (Isa. 62:3). 'Diz o Senhor: 'Folgarei em Jerusalém e exultarei no Meu povo' (Isa. 65:19). 'Eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o Seu povo, e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus' (Apoc. 21:3).

"Na cidade de Deus 'não haverá noite'. Ninguém necessitará ou de-

sejará repouso. Não haverá cansaço em fazer a vontade de Deus e oferecer louvor ao Seu nome. Sentiremos sempre a frescura da manhã e estaremos sempre longe do seu termo. 'Não necessitarão de lâmpada nem de luz do Sol, porque o Senhor Deus os alumia' (Apoc. 22:5). A luz do Sol será substituída por um brilho que não é ofuscante e, contudo, sobrepuja incomensuravelmente o fulgor do nosso Sol ao meio-dia. A glória de Deus e do Cordeiro inunda a santa cidade com luz que não fenece. Os remidos andam na glória de um dia perpétuo, independentemente do Sol.

"Nela não vi templo, porque o seu templo é o Senhor Deus todo-poderoso, e o Cordeiro' (Apoc. 21:22). O povo de Deus tem o privilégio de entreter franca comunhão com o Pai e o Filho. 'Agora vemos por espelho, em enigma' (I Cor. 13:12). Contemplamos a imagem de Deus refletida como que em espelho, nas obras da Natureza e no Seu trato com os homens; mas então O conheceremos face a face, sem um véu obscuro de permissão. Estaremos na Sua presença e contemplaremos a glória do Seu rosto.

A Alegria dos Salvos

"Ali os remidos conhecerão como são conhecidos. O amor e as simpatias que o próprio Deus plantou na alma encontrarão ali o mais verdadeiro e suave exercício. A comunhão pura com os seres santos, a vida social harmoniosa com os bem-aventurados anjos e com os fiéis de todos os tempos, que lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro, os sagrados laços que reúnem 'toda a família nos Céus e na Terra' (Efé. 3:15) – tudo isto concorre para constituir a felicidade dos remidos.

"Ali, mentes imortais contemplarão, com deleite que jamais se fatigará, as maravilhas do poder criador, os mistérios do amor que redime. Ali, não haverá nenhum adversário cruel, enganador, para nos tentar ao

esquecimento de Deus. Todas as faculdades se desenvolverão, ampliar-se-ão todas as capacidades. A aquisição de conhecimentos não cansará o espírito nem esgotará as energias. Ali, os mais grandiosos empreendimentos poderão ser levados avante, alcançadas as mais elevadas aspirações, as mais altas ambições realizadas; e surgirão ainda novas alturas a atingir, novas maravilhas a admirar, novas verdades a compreender, novos objetivos a aguçar as faculdades do espírito, da alma e do corpo.

"Todos os tesouros do Universo estarão abertos ao estudo dos remidos de Deus. Livres da mortalidade, alçarão voo incansável para os mundos distantes – mundos que fremiram de tristeza ante o espetáculo da desgraça humana e ressoaram com cânticos de alegria ao ouvir as novas de uma alma resgatada. Com indizível deleite, os filhos da Terra entram na posse da alegria e da sabedoria dos seres não caídos. Participam dos tesouros do saber e entendimento adquiridos durante séculos e séculos, na contemplação da obra de Deus. Com visão desanuviada, olham para a glória da criação, achando-se sóis, estrelas e sistemas planetários, todos na sua indicada ordem, a circular em redor do trono da Divindade. Em todas as coisas, desde a mínima até à maior, está escrito o nome do Criador, e em todas se manifestam as riquezas do Seu poder.

"E, ao transcorrerem os anos da eternidade, trarão mais e mais abundantes e gloriosas revelações de Deus e de Cristo. Assim como o conhecimento é progressivo, também o amor, a reverência e a felicidade aumentarão. Quanto mais aprendem os homens acerca de Deus, mais Lhe admiram o caráter. Ao revelar-lhes Jesus as riquezas da redenção e os estupendos feitos do grande conflito com Satanás, o coração dos resgatados fremirá com mais fervorosa devoção, e com mais arrebatadora alegria dedilharão as harpas de ouro,

e milhares de milhares, e milhões de milhões de vezes se unem para avolumar o potente coro de louvor.

"E ouvi a toda a criatura que está no Céu, e na Terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre' (Apoc. 5:13).

"O grande conflito terminou. Pecado e pecadores já não existem. O Universo inteiro está purificado. Um sentimento único de harmonia e júbilo vibra por toda a vasta criação. D'Aquele que tudo criou, emanam vida, luz e alegria por todos os domínios do espaço infinito. Desde o minúsculo átomo até ao maior dos mundos, todas as coisas, animadas e inanimadas, na sua serena beleza e perfeito regozijo, declaram que Deus é amor."³

Referências

1. *The Advent Review and Sabbath Herald* (A Revista do Advento e O Arauto do Sábado), 17 de dezembro de 1908.
2. *O Desejado de Todas as Nações*, ed. P. SerVir, p. 17.
3. *O Grande Conflito*, ed. P. SerVir, p. 564.

QUESTÕES PARA

Reflexão e Partilha

1. O que é que torna o Céu uma realidade para si?
2. De que modo a sua vida diária é marcada pela realidade da vida que Deus tem preparada para o Seu povo?
3. O que é que os seus amigos e vizinhos veem na sua vida, que os poderá fazer desejar ser salvos no Céu de Deus?



Ellen G. White

(1827-1915) Foi um dos Pioneiros da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Os Adventistas acreditam que ela exerceu o dom bíblico da profecia durante mais de 70 anos de ministério público.



Uma Casa para Deus

Era um bocado assustador. Até o meu cavalo parecia estar um pouco nervoso, enquanto avançávamos e tropeçávamos naquele estreito desfiladeiro entre altos penhascos de ambos os lados. Mas eu tinha ido para aquela parte do Médio Oriente com a ideia de ver alguns lugares interessantes, e não estava disposto a deixar que um medo tolo me fizesse voltar atrás.

De repente, chegámos. A estreita passagem abriu-se e pôs-nos, a mim e ao meu cavalo, na base de uma bela estrutura a que alguns chamam “A Tesouraria” – um edifício completo com imponentes colunas, estátuas e varandas perfeitamente talhadas. Mas esta admirável maravilha não era feita de tijolos ou de madeira ou de aço. Este edifício, bem como centenas de outros que eu teria oportunidade de ver nesse vale extraordinário, era cavado na rocha pura – talhado na encosta de um monte. Quando se entrava pela enorme porta da frente da “Tesouraria”, não se entrava numa sala; entrava-se numa caverna.

Petra foi um lugar muito mundano, quando existiu como cidade habitada. As pessoas locais adoravam muitos deuses, alguns dos quais, diziam elas, exigiam sacrifícios humanos. Sei que isto é verdade porque eu vi altares de pedra bem no cimo dos montes que rodeiam a cidade, onde as pessoas eram mortas em nome de uma divindade ou de outra. Não sei se eu queria viver em Petra, no meio daquelas casas de pedra e de corações empedernidos. Era uma cidade sem Deus.

A Casa no Jardim

Antes de Deus criar Adão e Eva, construiu-lhes uma casa. Ele não teve, propriamente, de ir a qualquer loja de materiais de construção para arranjar madeira, tijolos, pregos, tinta e caixilhos para as janelas. No entanto, Adão e Eva pareciam estar perfeitamente felizes com a sua casa-jardim – pelo menos, durante algum tempo. O Criador gostava de passear com eles e de falar com eles, mostrando-lhes a beleza do mundo espantoso que lhes tinha preparado.

Deus sempre quis viver connosco. Ele sempre quis mudar-Se para a nossa casa e fazer dela a Sua casa, ali no meio das nossas coisas – quer essas coisas fossem

uma simples mesa e uma cama numa cabana, ou pilhas de jogos de vídeo, num quarto moderno, cheio de acessos à *Internet*, com TV cabo, ricamente arranjado e brilhantemente pintado. Ele gosta imenso de Se acomodar, de calçar os Seus chinelos reais, estender-Se no sofá e dizer: “Então, o que é hoje o jantar?” Ele quer comer connosco, dormir perto de nós, brincar connosco e até rir-Se com as nossas histórias engraçadas. Ele nunca Se cansa de nós!

É por isso que, quando Adão e Eva deram ouvidos à serpente traiçoeira e má, e desobedeceram à ordem direta que Deus tinha dado para **NÃO COMEREM DO FRUTO PROIBIDO**, o forte coração de Deus ficou partido. Os Seus filhos tinham preferido mudar-se da casa de Deus para a casa de Satanás.

A Casa no Deserto

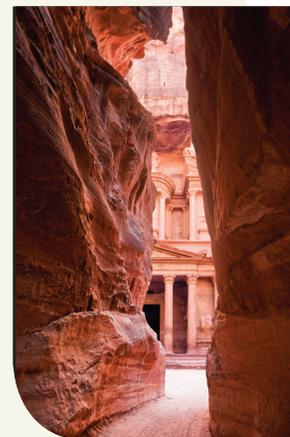
Muitos anos depois, vamos encontrar Moisés e uma multidão de ex-escravos furiosos e retilhos a viverem no meio de um deserto escaldante, depois de terem fugido do Egipto. As pessoas estão confusas, são rudes e estão completamente fartas de andar às voltas, à procura de uma qualquer “Terra Prometida”.

Então, o que foi que Deus fez? Decidiu ir viver com eles!

Deus disse a Moisés: “E Me farei um santuário, e habitarei no meio deles” (Êxo. 25:8).

Era a primeira vez, desde o Éden, que Deus ia na realidade viver com o Seu povo. “Então”, diz a Bíblia, “a nuvem cobriu a tenda da congregação, e a glória do Senhor encheu o tabernáculo” (Êxo. 40:34). Noutras palavras, Deus mudou-Se para lá. “Ao longo de todas as viagens dos israelitas e à vista de todos eles, a nuvem do Senhor pairava sobre o santuário, durante o dia; e, durante a noite, brilhava sobre ele como um fogo” (v. 38, TIC). Noutras palavras, Deus mudou-Se para lá... *para ficar*.

Como é que será ter Deus a viver connosco? Vamos descobrir ao longo desta semana. ✨



“Onde Está a Minha Mãe?”

Consequia ver o terror nos seus olhos, e compreendi que se não fizesse qualquer coisa muito depressa, ela ia ficar totalmente descontrolada com medo.

Alguém que já tenha estado numa sessão da Conferência Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, sabe o que é uma enorme multidão reunida. Era esta a cena no *Georgia Dome*, há pouco tempo. Eu estava sentado num dos lados a apreciar aquela maré de gente a passar, quando, de repente, vi uma menina – talvez com uns 6 anos – a andar na direção contrária à da multidão. Tinha lágrimas a escorrerem pela face avermelhada, as mãos a tremer, enquanto ia tropeçando a cada passo. Ouvi-a a chamar em voz rouca: “Mamã? Mamã, onde estás?” Só que as palavras dela eram abafadas completamente pelo barulho e pela agitação.

Corri atrás dela, a pensar na melhor maneira de prestar ajuda. Eu sabia que, provavelmente, ela tinha sido ensinada a não confiar em pessoas desconhecidas. Mas as situações desesperantes precisam de medidas extremas. “Desculpa”, disse-lhe eu, ajoelhando-me ao seu lado, “não sabes da tua mamã?”

Entre soluços, ela acenou que sim com a cabeça.

“Olha, se quiseres, eu posso ajudar-te a encontrá-la.” Fiz sinal a uma senhora que ia a passar, para vir para ao pé de nós. A senhora olhou para a menina e percebeu imediatamente a situação. Eu sorri e disse: “Esta simpática senhora vai ficar muito contente em te levar até àquele segurança, e juntos vão encontrar a tua mamã. Está bem assim?”

A menina perdida olhou para a senhora, depois para o segurança e depois para mim. “Está bem”, suspirou ela.

“Olha, não tenhas medo”, disse-lhe eu. “Tenho a certeza de que a tua mamã está agora mesmo à tua procura, e ela vai ficar muito feliz de ter ver.”

Voltei para o meu lugar, ao lado da corrente de pessoas que ia passando e fiquei à espera. Se eu estivesse certo acerca das mães – e penso que estou, porque vivi com uma das melhores – depressa veria uma mulher aflita, aos encontrões no sentido contrário ao da mul-

tidão, com o mesmo olhar de pânico no rosto que eu tinha visto no da menina.

E assim aconteceu. Cinco minutos mais tarde, lá vinha ela, aos encontrões às pessoas, com as mãos a tremer, a procurar entre a multidão, com a esperança de ver a pessoa mais preciosa que ela tinha neste mundo. “Faça favor, minha senhora”, chamei eu. “Está à procura de uma menina pequenina, com olhos castanhos e um vestido amarelo?” Pensei até que ela ia desmaiar.

“Sim, sim”, disse ela. “O senhor viu-a?”

“Ela está mesmo ali ao lado à espera, naquele corredor mais sossegado, com um segurança e uma senhora muito amável. Ela vai ficar contente de a ver!”

Gostava mesmo que lá estivessem para ver aquele encontro. Houve lágrimas de alegria, palavras de amor, e muitos abraços, bem apertados. Tinha terminado o pesadelo. A separação chegara ao fim. A felicidade voltou àqueles dois corações, naquele dia, no *Georgia Dome*.

A Queda

Quando Adão e Eva comeram o fruto proibido, fizeram mais do que escolher o modo de vida de Satanás em vez do modo de vida de Deus. Por causa do seu pecado, Adão e Eva tiveram de sair da casa-jardim de Deus. O pecado e a rebelião não podem viver onde Deus vive. Seria como tentar misturar azeite e água.

O nosso Pai celestial começou, imediatamente, a trabalhar arduamente na organização de um plano, para os trazer de volta – a eles e a toda a gente que quisesse voltar a viver na casa de Deus. Deus queria que o pesadelo passasse. Queria que a separação chegasse ao fim. Ele ansiava que a felicidade regressasse a todos os corações feridos pelo pecado. Havia, no entanto, um preço a pagar para pôr fim a essa separação. ✦



Por vezes, quando as pessoas não conseguem encontrar um animal de estimação que se perde, afixam uns cartazes pelo bairro, para pedir às outras pessoas que procurem o animal perdido e que telefonem se o encontrarem. Dividam-se agora em grupos. Cada grupo deve criar um cartaz de “pessoas perdidas”, como o que Deus escreveria se andasse à procura do vosso grupo. Incluam uma fotografia (ou um desenho) de cada pessoa do grupo. Lembrem-se, estão a fazer como se fossem Deus à vossa procura. Qual seria a vossa mensagem no cartaz?

As Leis do Amor de Deus

Perto da casa dos meus avós havia uma piscina comunitária cheia de repuxos e de crianças divertidas. A piscina era dividida em duas secções – a parte baixa e uma parte funda. Descobri que, na parte baixa, era onde havia mais diversão, com os rapazes e as meninas a fazerem jogos, a atirarem uns aos outros umas grandes bolas insufláveis, e até a fazerem o pino dentro de água, com a cabeça para baixo e os pés fora de água.

Havia, no entanto, uma coisa formidável a chamar-nos no outro lado, na parte funda. Era uma prancha de mergulho como eu nunca tinha visto. Era uma torre muito alta, que se erguia em direção ao céu azul, como uma escada até às nuvens.

O meu avô levava-me de carro até à piscina, deixava-me lá para passar a tarde, e, antes de se ir embora, dizia sempre a mesma coisa: "Diverte-te, Charlie. Brinca muito, tem cuidado, e não saltes da prancha alta."

Só que, naquele dia, os meus olhos desviavam-se sempre para a parte funda, para a imponente prancha alta e para aquela cena, que até fazia parar a respiração, de corpos a gritar de entusiasmo, que vinham pelo ar até mergulharem majestosamente dentro das águas refrescantes.

O meu avô não tem mesmo ideia nenhuma de quanto eu já cresci desde o ano passado, pensava eu para comigo. Já é tempo de eu ir experimentar novas aventuras reservadas só para rapazes que já são quase homens.

O Maior e Mais Poderoso

Fui caminhando ao longo da piscina até chegar à base daquela prancha. Devagar, mas com firmeza, fui subindo as escadas que levavam ao cimo da estrutura. No meu mundo, e segundo as minhas regras, eu era o mais corajoso, a pessoa mais ousada do mundo. Eu ia mostrar, em breve, ao meu avô e a qualquer outra pessoa que estivesse a ver, que o Charlie Mills não ficava atrás de ninguém, e que chegava onde quisesse.

Com um sorriso um pouco nervoso no rosto, levantei os braços e dei um passo para o espaço.

E comecei a vir por ali abaixo, a cair cada vez mais, com o vento a soprar à minha volta, incapaz de respirar, incapaz de me mexer, incapaz de fazer qualquer coisa a não ser cair.

Uns segundos antes de eu bater com força na água, um rapaz qualquer decidiu que precisava de nadar mesmo onde eu ia cair na água. Vi o corpo dele a aproximar-se rapidamente, mas não havia nada que eu pudesse fazer. Pumba! Zás! Caí na água e em cima do rapaz ao mesmo tempo.

Pedi desculpa da melhor maneira que pude, com litros de água às voltas na minha boca, e corri para a escada num dos lados da piscina. Fui a cambalear para a parte baixa da piscina e mergulhei nas suas águas convidativas.

Quando o meu avô voltou, entrei para o lugar habitual no banco da frente do carro. "Divertiste-te muito?", perguntou ele.

"Avô", disse eu, um pouco atrapalhado, "como é que soubeste o que ia acontecer?"

Ele olhou para mim durante um longo momento. "Charlie", disse ele, "saltaste da prancha alta?"

"Claro que sim", respondi sem pensar. "Foi por isso que fizeste aquela regra. Já sabias que eu ia cair em cima de alguém, não sabias?"

O avô abanou a cabeça, ao mesmo tempo que um ar de amor e compreensão brilhava nos seus olhos.

"Charlie", disse ele suavemente, "eu não sabia que ias saltar da prancha alta. Fiz a regra porque pensei que o pudesses fazer."

Regras de Amor

Quando Deus foi viver com os filhos de Israel no deserto, trouxe consigo uma mala cheia de regras e regulamentos.

Porque é que Ele fez isso? Foi porque os filhos de Israel eram um grupo de pessoas más que queriam fazer constantemente coisas erradas? Não. Deus sabia que alguns deles poderiam querer seguir Satanás e as suas regras, que lhes iam provocar grande dor e sofrimento. O que Deus fez foi por causa do que eles *poderiam* fazer, porque Deus amava cada um daqueles peregrinos do deserto, assim como nos ama a nós. ♣



Que tipo de leis fariam para o vosso grupo, para que cada um dos membros do grupo gostasse muito de adorar a Deus em conjunto? Façam uma lista de 10 sugestões e escrevam-nas num quadro. Não se esqueçam de incluir a razão por que fazem cada uma das leis e o modo como cada uma delas vai melhorar a vossa adoração do Criador.

As Grandes Portas Duplas

O Beto, que tinha quatro anos, não estava habituado a estar doente. Costumava correr por todo o lado, em casa e no quintal, para brincar às fortalezas com o seu irmão Bernardo.

“Beto”, disse a mãe, ao ver o filho, habitualmente esfomeado, a afastar-se da mesa do jantar. “Está tudo bem contigo? Não comeste quase nada.”

O Beto abanou a cabeça. “Dói-me a garganta.”

A mãe envolveu o seu pequenote nos braços. “Vou levar-te ao Dr. Rue”, anunciou ela.

O ar morno do entardecer sabia bem na cara do Beto, enquanto o carro ia em boa velocidade ao longo da estrada a caminho da Clínica nos arredores de Seul, na Coreia. A mãe e o pai do Beto trabalhavam como missionários naquele lindo país, com um povo maravilhoso.

O Dr. Rue deu uma espreitadela à garganta do Beto e abanou a cabeça. “Estou a ver muito bem o problema”, afirmou ele.

“Uma pequena operação, e ele vai ficar ótimo.”

“Não”, disse o Beto, cruzando os braços sobre o peito.

“É uma operação simples”, argumentou a mãe. “Ficas a dormir e nem vais sentir nada.”

“NÃO!”, repetiu o Beto, apesar de lhe doer a garganta ao dizer a palavra.

O irmão mais velho, Bernardo, estava de pé a ouvir a conversa. Ele sabia que o Dr. Rue era um homem bom e que ele conseguia ajudar o irmão a não ter mais dores. Sabia também que o Beto não ia ficar bom se não fizesse a tal operação, por isso adiantou-se e disse uma coisa que deixou toda a gente espantada.

“Eu vou contigo, Beto”, anunciou ele numa voz firme de irmão mais velho. “Eu também vou deixar o Dr. Rue operar-me. Assim já não precisas de ter medo.”

O Beto observou muito bem o irmão durante algum tempo. “É mesmo a sério?”, perguntou ele.

O Bernardo fez que sim com a cabeça. “Vou estar lá ao pé de ti.”

Através das Grandes Portas Duplas

No dia seguinte, o Dr. Rue apareceu na sala de espera do hospital, com um grande sorriso. “Estás pronto, Beto?”

“Estou pronto”, declarou o garoto. Depois ficou parado e disse: “O Bernardo também vai.”

“Eu sei”, disse o Dr. Rue. “Decidimos que, como o Bernardo um dia também vai precisar da mesma operação, temos uma cama preparada para ele. Quando acordares, depois da operação, ele vai estar logo ali ao teu lado.”

Cheio de confiança, o Beto e o doutor entraram pelas grandes portas duplas da sala de operações. Os medos do rapazito já tinham desaparecido. O seu irmão mais velho ia partilhar a mesma experiência que ele.

Quando chegou a vez de o Bernardo passar por aquelas grandes portas duplas, precisou de toda a coragem que tinha para se pôr de pé e andar. Fazer uma promessa era uma coisa. *Cumprir* essa promessa estava a revelar-se um desafio grande, *muito grande mesmo*.

Por fim, aquelas portas abriram-se outra vez e apareceu o Dr. Rue, todo sorridente, com o rapaz mais velho muito aconchegado nos seus braços. “Ora, aqui está o seu corajoso rapaz”, disse ele, ao entregar o filho adormecido ao pai. “Pode levá-lo para o quarto e pô-lo mesmo ao lado do Beto. Dentro de dias, vão estar os dois muito bem.” O pai sorriu e baixou os olhos para olhar o seu primogénito. O que viu, porém, fê-lo sentir-se, de repente, enfraquecido. Havia lágrimas nos olhos do Bernardo, a correrem pelas faces rosadas, e a entrarem para o cabelo. A bravura? A confiança? As palavras de encorajamento? Afinal tinha sido tudo a fingir! Na verdade, o seu filho mais velho também tinha sentido medo da operação, embora fizesse o seu irmão mais novo acreditar que tudo estava bem.

“Obrigado, bom Deus”, sussurrou aquele homem. “Obrigado por me teres dado um filho que me mostrou o que Jesus fez por mim.”

O Substituto no Deserto

Os filhos de Israel foram instruídos a oferecer sacrifícios diários, semanais e anuais no santuário de Deus no deserto. Esses sacrifícios destinavam-se a lembrar a cada homem, a cada mulher e a cada criança, o terrível sacrifício que havia de vir. Um dia, não seria um cordeiro nem um cabrito que ia morrer. Seria Jesus. Ele iria pagar o preço dos nossos pecados, de modo a que nós pudéssemos viver com Ele no Céu para todo o sempre.

Jesus também passou pelas Suas próprias grandes portas duplas, para que, um dia, nós possamos passar pelos portões de pérolas do Céu. ✦



Pensa no bairro que fica à volta da tua escola ou da igreja. De que maneiras poderia o vosso grupo ajudar esse bairro? Escolham um projeto e façam-no conjuntamente sob a orientação dos adultos da vossa escola ou igreja.

Um Mediador

Imagina que estás na tua loja favorita de material desportivo, à procura de umas coisas que te interessam. Como estás interessado na “Observação de Aves”, a exposição de binóculos capta o teu olhar.

Há um par em especial que prende a tua atenção. Pegas neles e leva-los aos olhos para espreitar os recantos e as rachadelas nas paredes da loja.

De repente, descobres o teu amigo Justino junto aos carretos de pesca e quando estavas quase a chamá-lo, vês que ele tira uma pequena caixa de discos e mete-a no bolso do casaco. Do outro lado do corredor, vês um outro colega teu, o David, a olhar para todos os lados da loja e a enfiar um par de luvas de cabedal na mochila da escola.

Nem queres acreditar que eles foram capazes de fazer isso. Eles tinham andado a falar acerca da facilidade que era roubar coisas na loja de artigos desportivos do Sr. Lemos. E tu pensavas que era só conversa.

Agora, através daqueles binóculos potentes, foste testemunha dos teus amigos a darem cumprimento às suas palavras, roubando alguns artigos da mercadoria. Eles também te viram e ficaram na expectativa, à espera do que ias fazer. Sabes que roubar é errado; no entanto, queres que os teus amigos gostem de ti e pensem que és fixe. Tu olhas à volta e vês que o Sr. Lemos está a atender outro cliente junto à máquina registadora e, então, pegas no instrumento e mete-lo na tua mochila.

Insónias

Nessa noite, não consegues adormecer. Cometeste um crime e sentes-te mal. E tomas a decisão de devolver os binóculos logo de manhã, mal a loja abra.

O Sr. Lemos cumprimenta-te com um sorriso, enquanto abre a porta da frente da sua pequena empresa. “O que é que te traz por cá tão cedo?”, pergunta ele.

Fazes um sorriso, um pouco embaraçado, e dás uma desculpa sobre queres ir ver se as canoas ainda estão em saldo.

Logo que te apanhas lá dentro, vais rapidamente para a exposição de binóculos e, enquanto o Sr. Lemos está a ligar a máquina registadora do outro lado da loja, retiras os binóculos da tua sacola e tornas a pô-los no lugar a que pertencem, no balcão expositor.

Ouves então o Sr. Lemos a falar: “Tenho de ir ao andar de cima, ao escritório, por um instante. Se precisas de alguma coisa, eu não demoro. Vou só ligar o sistema de vigilância e controlo que instalei na semana passada. Ah, e as canoas são ali daquele lado.”

As cores desaparecem da tua face e, repentinamente, as tuas mãos começam a ficar geladas. O Sr. Lemos gravou o teu roubo e o dos teus amigos. O que ele não tem gravado é a tua devolução dos binóculos há uns momentos atrás.

Um minuto mais tarde, o Sr. Lemos volta do escritório e encontra-te à espera junto à caixa registadora. Aproximas-te dele com a cabeça baixa e dizes: “Sr. Lemos, preciso de lhe dizer uma coisa.”

As Provas

A gravação do dia em que os binóculos foram roubados acaba por ser vista pelo chefe da polícia local. Ele vê os teus amigos a meterem no bolso os artigos que roubaram. Ele vê-te também a meter os binóculos na tua mochila.

É então que o Sr. Lemos desliga o gravador e aponta para o ecrã. “Há aí uma coisa que o Sr. Chefe da Polícia não conseguiu ver”, diz ele. “O rapaz que roubou os binóculos veio devolvê-los logo de manhãzinha, ao abrir da loja. E pediu-me perdão.”

O Chefe da Polícia sorri de lado e diz: “Ah, é bom saber disso!”

O Sr. Lemos tornou-se no teu “mediador” – alguém que te representou diante de outra pessoa.

No Deserto

No santuário do deserto, os filhos de Israel tinham mediadores chamados “sacerdotes”.

Hoje, temos apenas um mediador entre Deus e a humanidade: Jesus Cristo. Ele está permanentemente na presença do Seu Pai, a trabalhar lado a lado com Ele, para ter a certeza de que, quando tu pedes perdão por um pecado, esse pedido apaga as provas desse pecado. ✂



Dividam-se em grupos de dois. Cada um deve procurar saber alguma coisa do seu par: que coisas divertidas gosta de fazer; de que coisas tem medo; o que é que quer fazer mais tarde na vida; que talentos tem? Depois, cada membro deve ir à frente do grupo apresentar o seu companheiro, explicando como cada um quer ser um obreiro eficaz para Deus e como vão falar do amor de Deus a outros, tendo em conta as suas capacidades e as suas limitações.

Limpar de Dentro para Fora

Saulo prendeu bem o turbante à volta da testa e piscou os olhos em direção à luz brilhante do Sol. Ele estava atrasado e sabia disso. “Mais depressa”, disse ele aos companheiros de viagem, enquanto os cascos dos cavalos batiam nas pedras do caminho. “Quero chegar a Damasco antes do pôr do sol.”

O ritmo do grupo acelerou enquanto homens e animais continuavam a viagem para norte, deixando uma nuvem de poeira a marcar a sua passagem.

O chefe do grupo, Saulo, ia numa missão – era uma missão para silenciar todos aqueles que ousassem pregar acerca do homem Jesus. Ele tinha ouvido falar deste suposto “salvador da humanidade”. Tinha

ouvido pessoas a falarem dos Seus supostos milagres e de como Ele tinha ressuscitado dos mortos depois de ter sido crucificado. Saulo riu-se sozinho. Imagine-se haver gente a acreditar num disparate destes – gente normal que pretendia adorar um deus que tão facilmente podia ser morto.

De repente, Saulo reparou que o deserto parecia mais brilhante do que uns momentos antes. Era como se o Sol se tivesse aproximado mais, com o seu brilho escaldante a intensificar-se a cada segundo. Então, a luz tornou-se ofuscante e Saulo escorregou da sela, caiu ao chão e escondeu o rosto deste misterioso brilho intenso. “O que é que se passa?”, bradou ele.

“Saulo”, ecoou uma voz no interior da luz. “Saulo, porque Me persegues?”

“Perseguir-Te?”, respondeu Saulo, com a voz a tremer de medo. “Eu nem Te conheço. Quem és Tu?”

“Sou Jesus, a quem tu persegues”, continuou a dizer a voz no interior da luz. “Agora levanta-te e vai para a cidade e lá te dirão o que deves fazer.”

Tão depressa como veio, assim a luz desapareceu, deixando Saulo de joelhos no chão, rodeado de olhares

indagadores. Os que viajavam com ele ouviram o som, mas não viram ninguém nem perceberam as palavras. Repararam apenas que o seu dirigente tinha caído ao chão e estava a falar para o ar.

Quando Saulo foi ajudado a pôr-se de pé, abriu os olhos. Mas agora, em vez de uma luz brilhante, só via escuridão. “Ajudem-me”, disse ele ofegante. “Por favor, ajudem-me.” Depois, a tremer de medo, o cego Saulo foi guiado, tateando o caminho para Damasco.

Uma Pessoa Transformada

Em Damasco, Saulo encontrou-se com um homem chamado Ananias. Ananias disse-lhe que Deus o tinha enviado para curar a cegueira dos olhos de Saulo. E não só os olhos de Saulo foram curados – o seu coração também foi curado da raiva e do ódio que ele sentia contra o povo de Deus. Saulo ficou tão marcado por este encontro na estrada que ele até mudou de nome. Já não seria mais conhecido por Saulo, “o perseguidor do povo de Deus”, mas sim por “Paulo, o dirigente do povo de Deus”.

Acontece sempre alguma coisa quando as pessoas se encontram face a face com Jesus. Esse encontro raramente é tão dramático como ter uma luz brilhante à nossa volta, numa estrada no deserto, ou ouvir uma voz a falar-nos. Normalmente, é mais como uma voz calma e serena que soa nos nossos pensamentos, fazendo-nos compreender coisas que nunca tínhamos compreendido antes e ajudando-nos a resolver situações complicadas na escola ou em casa.

Aqui está uma ideia interessante. Se Deus quer viver no nosso coração (isso quer dizer nos nossos pensamentos e nos nossos atos), o que é que isso faz de nós? Exatamente. Faz de nós a “casa de Deus” – um templo; um templo do Deus Altíssimo, que passeia, conversa, joga à bola, anda de bicicleta e usa um *iPod*.

Isto quer dizer duas coisas muito importantes. Uma, temos de ter a certeza de que o nosso “templo” é um lugar adequado para Deus aí viver, e, segunda, temos o privilégio de representar (mediar – lembram-se?) o amor de Deus diante dos outros.

Obrigado, Jesus, por queres viver no nosso coração! ♡



Transforma o teu quarto num restaurante chamado “O Restaurante da Nova Terra”. Depois, prepara um menu escrito num quadro, unicamente com alimentos que podem encontrar-se no Céu. Pede a alguém que desenhe no quadro um prato de comida, ao lado do nome. Lembra-te de que, no Céu, nada vai magoar ou destruir animais. Cria alimentos divertidos, como “Guisado à Nova Jerusalém” ou “Grelhado à Portões de Pérolas”. Não te esqueças da sobremesa!

Limpeza de Dentro para Fora

Ele era pequeno no tamanho e no caráter. Chefe de cobradores de impostos, andava a obrigar os vizinhos a pagar impostos aos detestados Romanos, que tinham ocupado à força o seu país. E não era só isso. Ele também não era honesto, e muitas vezes cobrava mais do que era necessário, tornando-se muito rico. Será de admirar que os vizinhos o odiassem?

Um dia, quando Jesus estava a chegar a Jericó, Zaqueu estava na cidade a fazer o que sabia melhor – enganar as pessoas, tirando-lhes o dinheiro que tanto lhes tinha custado a ganhar. Tendo ouvido falar do famoso Rabi que curava doentes e – mais espantoso de tudo – que conversava, de facto, com os pobres e os necessitados, o cobrador de impostos Zaqueu decidiu que queria ver esse Indivíduo.

Como era uma pessoa que não deixava que a falta de altura interferisse com os seus planos grandiosos, o coletor de impostos olhou ao seu redor e descobriu uma figueira-brava mesmo ao fundo da rua. Tinha ramos fortes e folhas suficientes para esconder a sua curiosidade. E lá subiu à árvore, até conseguir ter uma vista desafogada da estrada por onde Jesus estava a caminhar.

Entretanto, chegou o Grande Mestre, rodeado de discípulos muito atentos, mais um grupo de doentes recém-curados, ainda uns adeptos duvidosos que vinham na conversa e até alguns indagadores. Zaqueu sorriu por dentro. Afinal, ele tinha arranjado o melhor lugar.

Quando chegou junto à árvore, Jesus parou. Lentamente, com um grande sorriso que ia de lado a lado do Seu rosto bronzeado pelo Sol, Ele olhou para cima – diretamente para Zaqueu. O cobrador sorriu muito seguro de si. "Olá", disse ele, olhando para baixo.

"Olá, Zaqueu", respondeu Jesus.

O cobrador de impostos piscou os olhos. *Ele sabe o meu nome. Provavelmente, sabe o que eu faço para ganhar a vida. Provavelmente, sabe que eu tenho andado a enganar as pessoas tirando-lhes o dinheiro arduamente ganho. Agora vou ouvir das boas!*

"Zaqueu", continuou o Grande Mestre, "desce depressa, pois hoje quero ficar em tua casa".

O quê? *Ele acabou mesmo de dizer o que eu penso que Ele disse?*

Surpreendido, o homem baixinho percorreu o longo caminho desde o ramo da árvore até ao chão. "Tu queres vir à *minha* casa?", disse ele sobressaltado.

Jesus disse que sim com a cabeça.

"É por aqui", gaguejou Zaqueu, apontando mais adiante para a estrada.

As pessoas nem queriam acreditar no que estavam a ver. "Olhem para aquilo", diziam. "Jesus veio para ser hóspede de um pecador."

Mais tarde, depois de Zaqueu ter passado algum tempo junto de Jesus, aconteceu uma coisa inacreditável a este homem. Ele cresceu. Não em altura, mas em caráter. "Olha, Senhor", anunciou ele: "Aqui e agora eu dou metade das minhas posses para os pobres, e a quem eu enganei nalguma coisa, eu vou pagar quatro vezes essa quantia" (Luc. 19:8).

Nesse dia em Jericó, Zaqueu, o cobrador de impostos, encontrou-se com Jesus, o Juiz, face a face, e uma vida pecadora foi transformada para sempre.



Diante do Juiz

Vai chegar um dia em que vocês e eu vamos comparecer em julgamento diante do Rei dos reis e Senhor dos senhores. Isso vai acontecer para que seja revelado ao Universo quem é o rei do nosso coração. Como o desonesto cobrador de impostos Zaqueu, vamos comparecer diante de Deus, o Pai, e de Deus, o Filho. É importante que convidemos Jesus a entrar, agora, no nosso coração, de modo a que, no julgamento, Ele nos possa conceder o que concedeu a Zaqueu: uma comunhão permanente com Ele.

Eu gosto do que Saulo – que se tornou Paulo – diz acerca desse momento. Ele escreve assim: "Cheguemos-nos, pois, com confiança, ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno" (Heb. 4:16).

O julgamento? Venha ele. Estamos prontos. Porque Deus vive em nós! ✨

Peçam a alguém no vosso grupo para ser o pai de todos (isso torna irmãos e irmãs todos os outros membros do grupo). A seguir, cada membro vai representar um pecado que tenha cometido (mentir, enganar alguém, fazer troça dos outros, ser violento, etc.) e cada membro vai chegar junto do seu "pai" e confessar esse pecado. O "pai" deve tratar o pecado como um pai a sério – um pai que ama Jesus – trataria. É dessa forma que Deus nos vai julgar.

Unidos de Novo

“Ficamos felizes por lhes dar uma casa”, dissemos à jovem da nossa Igreja que ali estava de pé a olhar para nós com grande expectativa. “Não temos tartarugas vorazes no nosso lago, e vamos fazer o melhor para afastar as raposas e os cães.”

Foi assim que a Daisy – uma pequena pata selvagem, branquinha e cheia de energia – e uma irmã, vieram fazer parte da nossa vida. Estávamos no final do outono, no estado da Virgínia Ocidental, nos Estados Unidos, e muitos dos animais que habitam na nossa propriedade tinham já partido para passar o inverno noutras paragens, pelo que ficámos contentes de ter algumas novas criaturas a juntarem-se a nós.

Infelizmente, a morte espreitava as nossas duas hóspedes também na nossa propriedade. Uma noite, uma raposa apanhou a irmã da Daisy e feriu a Daisy gravemente. Rapidamente construí um cercado seguro no quintal, na parte de trás da casa. Tínhamos de a manter viva durante tempo suficiente para ela poder crescer e enfrentar o mundo sem nós.

Sozinha

Chegou finalmente o dia em que achámos que a Daisy estava pronta para viver por sua conta. Tirámo-la do cercado e levámo-la para um dos lados da casa, onde, com muito cuidado, a pusemos no chão. Depois, a minha esposa e eu subimos as escadas da nossa varanda lateral e sentámo-nos no banco para ver o que ia acontecer.

A Daisy deu uns passos em direção ao escuro da noite que ia chegando e parou. Foi então que aconteceu uma coisa que eu nunca vou esquecer. Ela voltou-se e começou a correr – *a correr!* – na nossa direção. Subiu as escadas e trepou para o meu colo, onde se aconchegou tanto quanto podia.

Compreendi que aquilo não era só um abraço. Era uma mensagem para mim, vinda de uma das criaturas de Deus. A Daisy estava a dizer-me: “Vocês foram a única coisa boa na minha vida, e eu tenho mais medo de viver sem vocês do que de viver com vocês.”

O Regresso a Casa

Um dia Daisy deu uns passos em direção ao escuro da noite que ia chegando e parou. Foi então que aconteceu uma coisa que eu nunca vou esquecer. Ela voltou-se e começou a correr – *a correr!* – na nossa direção. Subiu as escadas e trepou para o meu colo, onde se aconchegou tanto quanto podia.

Levem uns binóculos para o grupo. Façam de conta que são binóculos muito potentes, que dão para ver até ao Céu. Convidem todos os membros do grupo a olhar pelos binóculos e a descrever em pormenor o que veem.

“Claro que quero”, disse o Sr. Visco quando lhe perguntei se ele gostaria de ter mais um pato.

Mais tarde nesse dia fui levar a Daisy ao espaço atrás do cercado que rodeava o lago. Ela ainda não tinha visto o lago nem os patos que lá viviam.

Devagarinho, a Daisy foi subindo o montículo que rodeava o lago. Quando ela chegou ao topo, ela viu a água, a brilhar ao Sol de inverno, e patos a nadar, a brincar e a andar de um lado para o outro, a desfrutar da comida abundante que ali tinham.

Foi então que aconteceu. Foi então que eu percebi como vai ser o Céu. Foi quando os patos no lago se aperceberam da presença da Daisy.

Que jubiloso coro de grasnidos, gritos e de bater de asas e de dúzias de patos a correr em direção à Daisy. Fizem a nossa amiga sentir-se bem na sua família, como se fosse um pai a dar as boas-vindas a um filho perdido há muito tempo, como uma mãe que abraça uma filha há muito tempo perdida, e exatamente da maneira como o povo de Deus nos vai dar as boas-vindas, a ti e a mim, quando chegarmos às cortes da glória. Os patos rodearam a Daisy com afeto e acompanharam-na até à margem do lago. Comeram juntos, nadaram juntos e brincaram juntos. Para a Daisy, os longos meses de separação do seu “bando” tinham terminado. Finalmente ela tinha encontrado um lar seguro.



Um Dia, Lá em Cima

Um dia Jesus vai voltar a este mundo. Assim como o Seu sacrifício na cruz fez desaparecer a necessidade de um santuário terrestre para o povo de Deus, também a Sua vinda vai fazer desaparecer para sempre a necessidade de Ele viver no nosso mundo, porque nós vamos viver no d’Ele.

Quando chegarmos à Terra Prometida, tu e eu vamos passear pelo belo mar de vidro. Então, vamos vê-los – a nossa família, os nossos amigos, os nossos queridos. Eles vão ver-nos a nós e vão correr para nos saudar, e todos vamos correr para estarmos juntos para sempre com Jesus, a viver numa terra onde não há medo, nem morte, nem choro. ✨

Filho de pais missionários, **Charles Mills** é dono e gestor da *Christian Communications*, uma empresa de produção de meios de comunicação social, sediada em Berkeley Springs, no estado da Virgínia Ocidental, nos EUA. É autor de mais de 45 livros já publicados e de centenas de artigos em revistas.



Nada temos a temer...

*Sobre o que foi
a primeira visão
de Ellen White?*



*Quem escreveu
a primeira lição
da Escola Sabatina?*



*O que descobriram
estes homens em 1888?
em 1888*

...a não ser que nos esqueçamos.

ENVOLVA-SE NA MISSÃO!

Lares de
Esperança

Classes Bíblicas

Projeto 777

*Campanha Nacional
de Evangelização*

NOS **LARES**

BEM-VINDO

Folhetos
e Cursos

Livro
Missionário

Convite
Pessoal

Pequenos
Grupos



ÁREA DEPARTAMENTAL DE EVANGELISMO

Rua Acácio Paiva, nº 35 1700-004 Lisboa

Tel.: 21 351 091 90

www.adventistas.org.pt/evangelismo

